ANNO XXVII — N.º 14
Rio, 8 de Abril de 1933
Fon Fon

ACIDO URICO

O ex ito de nossa cruzada contra ACIDO URICO deve-se quasi exclusivamente á recommendação de ex-soffredores satisfeitos.

E' V. S. uma das tantas pessôas que padecem sem cessar de juntas inchadas e doloridas, sem saber *porque* soffrem? V. S. já pensou alguma vez que a *causa* de suas dôres póde estar localizada numa reg ão do corpo muito differente, como os rins, por exemplo?

E' admittido pela sciencia medica que em muitos casos a inchação das juntas póde ser attribuida á accumulação de acido urico crystalisado nas juntas e musculos affectados.

As arestas afiadas e asperas de acido urico crystalisado pódem dar logar a uma inflammação local, occasionando essas inchações dolorosas, de que V. S. possivelmente se queixa a meudo. E' indiscutivel que as fricções com unguentos ou pomadas não pódem eliminar esta manifestação externa de uma causa interna. V. S. deve atacar a raiz do mal para que esse excesso de acido urico seja desalojado do organismo. Tenha em conta que se os rins não funccionarem normalmente não pódem levar a cabo a sua missão de eliminar do sangue as impurezas e venenos: é por ahi que V. S. deve atacar o mal.

Desde ha mais de 40 annos os medicos recommendam as Pilulas De Witt como medicamento activo e digno de confiança para os rins e a bexiga. A sua acção sobre estes orgãos é rapida e directa.

O coupon abaixo lhe offerece a opportunidade de comprovar por si mesmo o que affirmamos. Envie-o depois de preenchel-o e pela volta do correio receberá, GRATIS, um fornecimento para experiencia das Pilulas De Witt. V. S. se felicitará por tel-o pedido.

PILULAS DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R 151),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

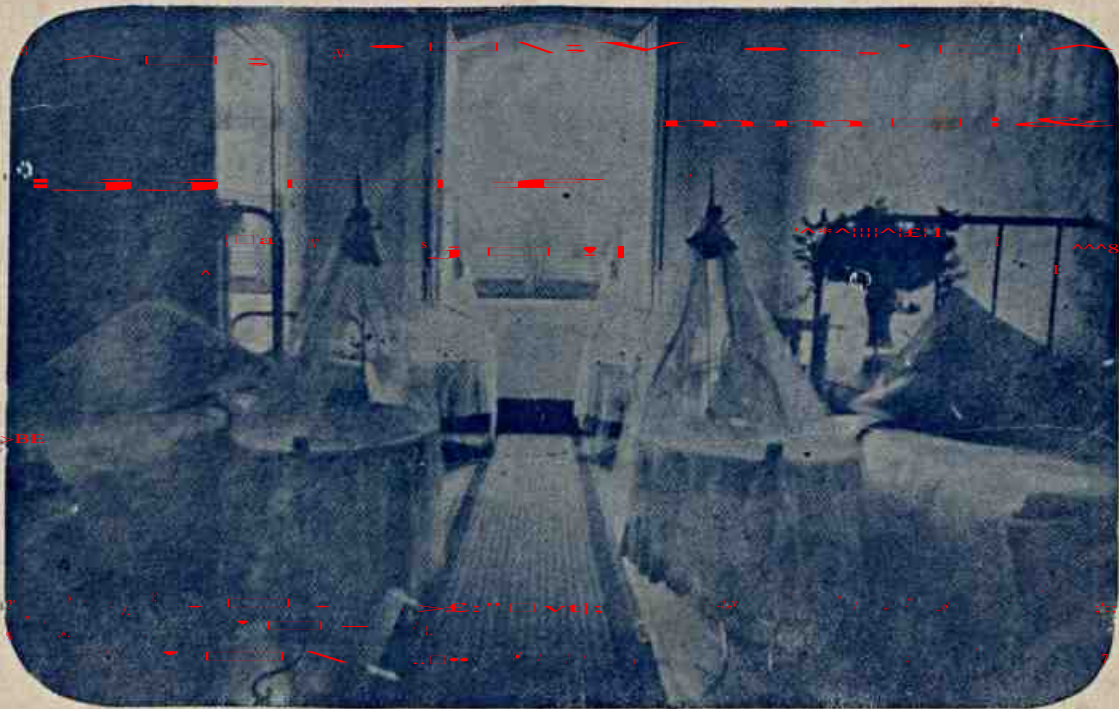
Nome..

Endereço..

....

Queira escrever com clareza

Mande em envelope aberto... sello 20 Reis

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

MATERNIDADE COM 4 LEITOS

Parto e estadia durante 10 dias: 300$000

RUA ARISTIDES LOBO, 115 — TELEP. 2-1266

O conto brasileiro

RENUNCIA

De Reynaldo Reis

* * *

ELLE já havia renunciado a quasi tudo na vida. Em pequeno, aos carinhos maternaes, porque nunca os tinha conhecido. Depois, adolescente e homem feito, a sorte o fêz renunciar tambem ás pequenas alegrias da vida, trocando-as pela luta contra a indifferença do mundo. Veiu, emfim, um tempo desses em que parece materializar-se a alma ou, pelo menos, adormecer anesthesiada pela monotonia das sensações.

Lá naquella cidadezinha, ao voltar em um bonde para casa, conheceu-a. Veiu o idyllio de sempre, vieram as eternas phrases que se dizem sem saber como, nem talvez porque. Os longos passeios pela praia, as noites dos "assustados" em que ella o fez aprender a dançar, os domingos no sitio, no ambiente morno das tardes de estio, tudo isso creou naquella alma uma illusão muito grande e muito linda com a esperança de melhores dias. Feliz elle que só conhecera um horizonte de cinzas... Tudo parecia um sonho desses sonhos bons de que a gente tem pena ao accordar.

Um dia (ha sempre um dia na vida de quasi toda a gente...) ella mostrou que não era mais do que mulher. Commum, igual a todas as outras. Idolo com pés de barro. A miragem desfez-se e as illusões fugiram espantadas com o realismo da realidade.

Sahiu da cidadesinha. Tonto, sem concatenar idéas, sem saber porque se ia embora. Para onde? Era o que menos importava. Atôa, sem rumo, sem destino certo; [illegible]l-o-ia na hora...

* * *

Agosto. Naquelle mesmo dia, fazia um anno que a tinha conhecido. A lembrança ainda perdurava vivida dentro da sua memoria e da sua saudade. O homem ficou scismando os olhos ennevoados de saudade. Por que ella havia mentido um amôr que não estava sentindo? Por muito tempo demorou os olhos no papel. Com vontade de escrever-lhe e dizer tudo o que sentia. Tudo mesmo. Para que ella ao menos soubesse a dôr que tinha causado e o soffrimento que destruira as ambições de uma vida. Decidiu-se:

"*Lourdes.* — Ao seguir, hoje, para o sul, em um dos pelotões extra-numerarios aqui organizados, não me importa si é para uma luta justa ou ingloria que eu vou. Nem me interessam ideaes, que já não os tenho e menos me acenam victorias, que não mais espero conseguir. Quero apenas vêr si fico de vez perdido na multidão anonyma dos esquecidos.

"Vacillei em escrever. Tinha a vista ennevoada de saudade e as mãos trémulas de emoção. Afinal, escrevi sempre...

"Sei que me esqueceste. Mas não faz mal, porque eu te amo ainda e o meu affecto me dá a illusão de que, ás vezes, te lembras de mim. Insensato? Talvez... Mas a vida é isto mesmo... Ninguem é bom, ninguem é máo: depende do prisma pelo qual se olharem as coisas...

"Hoje, neste mesmo dia de agosto, tu juravas tanta coisa bonita! E que coincidencia eu partir, como ha um anno atraz...

"Vive ainda dentro de mim a Lourdes que deixou nos meus labios o ultimo beijo de uma despedida que não imaginava para sempre. "— Mas um, o ultimo!" E agora aqui, deante de mim, o teu retrato ironiza: "... para que não esqueça a Lourdes". Paradoxo!...

"Lá fóra, na móle immensa e humana que os meus companheiros formam a bordo deste navio, estrugem as risadas. Um ou outro triste pensando talvez em uma Lourdes que tambem jurou amál-o sempre. De quando em quando, a nota estridula de um clarim atravessa os ares, fazendo lembrar o dever para com a Patria. Eu nem sei no que penso. Vejo apenas que um anno de separação ainda não foi o bastante para esquecer-te.

"Não, não te esqueci. E agora, depois desses longos mezes que não foram o bastante para isso, vou procurar o esquecimento de mim proprio.

"Deves lembrar-te daquella phrase de Shakespeare, que disseste ser falsa: *"Fragility, fragility, thy name is woman"*. Tinhas razão, talvez. Porque estavas enganando a ti mesma com a illusão de uma felicidade que não podias dar-me, porque o teu amôr nada mais era do que um capricho de mulher bonita. E, realmente, tiveste força para satisfazêl-o. Uma força que ninguem diria occultar-se nessa figurinha de porcelana.

"Adeus, Lourdes! Sê feliz! E quanto a mim, nada mais espero do que uma lagrima de piedade, ao saberes, algum dia, do fim de um homem que podia ser bom e que podia ser feliz..."

Pediu licença. Deixou o navio. Levou a carta comsigo. Era assim como um farrapo da sua alma que elle lhe mandaria. Quiz, no emtanto, revêr aquella praia tão linda, que talvez nunca mais visse. Consultou o relogio: tinha tempo. Foi seguindo a passos lentos e larges. As ondulações da areia muito branca, todos aquelles recantos em que havia passado horas de recordações e de amargura, tudo parecia olhál-o com carinho e despedir-se delle. Lá adeante, carcomida pelo tempo e pelas ondas da maré cheia, estava a canôa de pescadores naufragada ha muitos annos e, como todas as coisas inuteis, esquecida. Olhou para ella um pouco mais do que nas outras vezes: tinha qualquer nome meio apagado. Aproximou-se: "Lourdes". Ficou muito tempo scismando porque nunca tinha lido aquelle nome e pensando que a sua vida tambem era como aquella canôa abandonada.

E emquanto as sombras vinham descendo lentamente, o homem rasgou a carta, renunciando tambem a esse desejo — talvez o maior de toda a sua vida...

ABERCIO ALENCAR (Capital) — Olá! O sr. é o mensageiro amavel de um poeta gaúcho. Muito bem! Quer dizer, o gaúcho tem bocca, mas não gosta de soprar, senão com a dos outros... Isto é, sopra com a bocca dos amigos como o sr.

Vejamos, porém, o que o sr. me escreve, com uma elegancia (?) admiravel:

"Illustre Snr. Yves. Saudações. Leitor assiduo que sou da conceituada revista o "Fon-Fon", de cujo corpo de redacção é V. indiscutivelmente elemento de destaque, revelando-se um mestre através ás columnas da apreciada secção Saibam Todos, resolvi apresentar-lhe os versos inclusos de autoria de um joven poéta sul-rio-grandense, e jornalista de actuação destacada na imprensa de Porto-Alegre.

Julgo desnecessario acrescentar que tenho permissão do autor para encaminhar a publicação dos referidos versos, pois, trata-se de pessôa com quem mantenho estreitas relações de amizade.

Agradecendo, de antemão, a publicação dos dois sonetos juntos, — caso estejam em condições — subscrevo-me attenciosamente, um seu conterraneo e admirador."

Agora, é o sôpro... de genio que o poeta gaúcho mandou o sr. atirar com a sua bocca máscula e valente:

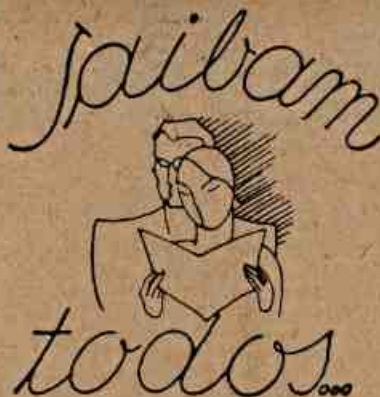
ARRUFO

Jamais posso esquecer-me, quantos [*dias*
Nós nos fitámos, sem poder fallar
D'amor! Louco — eu soffria... tu [*soffrias...*
Como era doce e meigo o nosso [*olhar!...*

Nem sorriso! E tantas agonias
No teu semblante, sem poder tocar
As tuas mãos, nas minhas já tão [*frias,*
Gelados pelos beijos do luar!...

Depois, trocámos, phrases de bel- [*leza;*
Quantos lamentos... — terna [*confissão!*
Perdoaste-me, mas ainda em ciume [*accesa!...*

Ficámos extasiados de paixão.
Tu sorriste... eu sorri... — quan- [*ta pureza*
De dois, trocando, assim o co- [*ração!...*

Vê-se bem que, ou o sr. não soube *soprar* o soneto do poeta gaúcho, ou este quiz fazer uma bôa pilheria com o sr. — e concorreu

para que o amigo désse um sôpro mau, pouco sonóro, risivel (*honny soit qui mal y pense...*) e a coisa acabou cheirando mal... Quero dizer, a coisa não sahiu como era de esperar... Não cheirou bem nem ao sr., nem ao poeta do Rio Grande do Sul..., nem á "pequena"...

Que pena!

E para não rimar outra vez em *ena*, direi que a garota sentindo que o soneto não lhe cheirava bem, deve ter torcido o nariz... E si é certo que ella sorriu, no final do mesmo conforme declara o seu autor, é signal de que ella achou graça, no *sôpro*, ou melhor, no soneto "Arrufo"...

Moralidade — Quem tem bocca não manda ninguem soprar...

MARIA LUCIA (Capital) — Maria Lucia é o nome da heroina do meu romance "Uma garçonne carioca". Mas a minha personagem é fragil futil delicada como as bonecas de Domergue e as Colombinas de Willette... V. ex., com a sua letra energica, me [faz] pensar no famoso transform[ismo de] Darwin: — si este é conhe[cido] como o homem-mulher, v. ex. p[óde] ser chamada a mulher-homem pela attitude decidida e o en[thusiasmo] com que escreve...

(Entre parenthesis: eu g[osto] das mulheres franzinas, amai[s] ternas, que sabem chorar — [mes]mo fingindo — e sabem fingir mesmo chorando...)

Bem. V. ex. escreve com a [vio]lencia de quem distribúe espa[da]radas atrozes, com o fito de [dis]solver um *meeting* politico, co[ntra] o governo...

Cuidado, madame! Bote par[a] a ponta da sua espada... Não fure os olhos... que a admiram.

"Yves. Cumprimentos. Qua[ndo] se fala em paulistas e gaúch[as é] preciso encher a bocca de rosa[s].

Assim você falou ha dias, [que]rendo ser amavel com uma c[ar]chaba que acabava de irmanar gaúchas e paulistas.

E eu, confiada n'essa sua a[ma]bilidade já habitual tomo a li[ber]dade de lhe perguntar: — Por[que] o querido poeta não fala nu[nca] nas mineiras, quando catalóga [os] adjectivos lisongeiros as mulh[eres] de cada Estado do Brasil? S[erá] uma idiosyncracia natural, [ou] lapso, já de si, um tanto pej[ora]tivo? Tinha vontade que você clarecesse esse ponto, a uma [mi]neira que muito o admira.

Aliás é quasi temeridade mi[nha] escrever-lhe. Já uma vez, ha [qua]zi um anno eu lhe escrevi, [con]versando sobre um livro de [...]tscke que acabava de ler, e... [em] vão aguardei resposta. Entreta[nto] nessa época eu lhe escrevi [de] S. Paulo, onde então residia. [E] assim logrei o seu fidalgo aco[lhi]mento, parece que só reservad[o a] bandeirantes!... N'aquella ca[rta] como n'esta não lhe pedia est[udo] graphologico, nem publicação [de] versos d'agua dôce.

Peço, sim um pouco de atten[ção] para a patricia, admiradora, *Maria Lucia*."

Rio 2-3-933.

Resposta:

1º — Eu falo, frequentem[ente] nas paulistas e nas gaúchas [por]que ellas estão em perman[ente] contacto com esta pagina. As [mi]neiras pouco escrevem para a[qui]. De modo que as não conheço b[em] como desejaria.

Acontece porém, que as mi[nei]ras de minhas relações honra[m o] Brasil, sob qualquer aspecto e [em] qualquer sentido. Cito apenas u[ma] dellas: — a grande e illustre [poe]tisa Henriqueta Lisbôa, autora [de] varios livros admiraveis, e fi[gura] da mais alta sociedade brasile[ira]. Muito minha camarada.

> *Aos nossos leitores.* — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sòmente que sejam formuladas com clareza e logica.
>
> * * *
>
> *Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.*
>
> ENDEREÇO
>
> Rua Republica do Perú, 62
>
> Caixa Postal 37
>
> Telephones: 2-4136 e 2-5456
>
> *FON-FON* — 8 - 4 - 933
>
> ——
>
> *Data da consulta*..............
>
> *Nome da consulente*...........
>
> ....

Acaso citar Henriqueta, não é [...]ar uma centena de mineiras?

Gostou?

— Sobre Nietszche não ha [...] nada que dizer. Esse vidente [pa]ssou para o dominio das encyc[lo]pedias e dos diccionarios bio[gra]phicos. Abre-se um delles, e lá [se] encontra: "Nietszche — (Fre[der]ico,) celebre philosopho pes[sim]ista, allemão, nascido em [Rö]chen (1844-1900)".

Creio que foi em certa peça de [Ba]taille, que li um dialogo inte[res]sante, no qual uma ingenua [per]guntava a um cavalheiro dis[tinc]to, fino, aristocrata, si tal rei [era] bonito ou feio, attencioso ou [...].

Em summa, ella queria fazer do [mon]archa um individuo como os [out]ros, um mortal ao nivel de [qua]lquer mortal.

O cavalheiro respondeu:

— Si o rei é bonito? Um rei não [é] bonito, nem feio. Um rei é um [rei]. Não é um homem como os [de]mais.

Assim digo eu: Nietszche é Nie[tsz]che mesmo. Nietszche é um [estylo] — e acabou-se.

ANGELO (Pernambuco) — Aqui [está] a carta de um "confrade" e [con]terraneo meu. Terei, por isso, [o] maior prazer em rece[bel-]o nesta pagina, fa[zen]do votos para que o [poe]ta Angelo não vá ca[hir] dentro da "cesta"...

Entre, pois, pernambu[cano] illustre... Queira [sen]tar-se naquella pol[tro]na confortavel. Como [vê], a redacção do Fon [Fon] é magnificamente [ven]tilada.

Vejo que o sr. me es[cre]ve uma carta. Muito [bem]! Que me dirá o [sr.]? Vamos vêr. Atten[ção]! O momento é so[lem]ne! Nada de pilheria. [O] que me vae dizer o sr. [An]gelo, meu conterraneo [e] collega de letras?

Lá vae:

"Illmo. Snr. Yves. [Sa]udações. Tendo re[met]tido para a secção do ["Sai]bam todos" uma car[ta] com um soneto, afim [de] V. Sa., depois de ne[ces]saria leitura, dar o [com]petente destino que [me]recesse, e, não tendo [até] agora, encontrado na [ref]erida secção, cousa [alg]uma que se relacio[nas]se com o meu traba[lho], venho confiado no [seu] bom acolho, entregar [á] sua leal apreciação o

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

---

mesmo trabalho, na esperança de que, com a sua resposta, possa melhor me orientar no que ora solicito.

Sem mais, firmo-me pequeno leitor — *Angelo*."

Mau, mau! Si eu soubesse que o sr. queria entrar para a lista dos poetas, — oh! os poetas! — não o receberia com tantos apparatos... Não lhe faria servir porto gelado, nem "marrons glacés"... Em todo caso, o sr. sempre é visita... Não! Não se erga da cadeira... Pode ficar! Desculpe a franqueza...

Mas, agora, ouça tambem a sentença...

Cuidado! Deixe ver o soneto... Não faça cara de poucos amigos...

NUNCA MAIS

Nunca mais me terás preso em [teus braços
a implorar o teu amor e os teus [carinhos;
—irei colher nos corações esparsos
seus amores, talvez, nem tão mes-[quinhos.

eis tua estrada, mulher, sem em-[baraços,
estão sem empecilho os teus ca-[minhos
onde pode trilhar de pés descalços,
sem temor de feril-os nos espinhos,

...enquanto proseguires, passo a [passo,
eis que na vida vejo-me sosinho,
sem apoio, siquer, de amigo braço;

e a caminhar, tão curvado ao meu [bastão,
vou deixando gravado no caminho
o desmedido pulsar de um cora-[ção!..

Angelo

Oh! poeta... Faça o favor de amparar-me... Estou tonto... Creio que vou ter uma vertigem... Chame a Assistencia...

.. ..

Volto, restabelecido, do Prompto Soccorro, poeta. O seu soneto me causou um mal estar indescriptivel. Mas, já que tudo passou, deixe que lhe pergunte: seu coração é dotado de pés, como nós outros?

O sr. diz:

Vou deixando gravado [no caminho
o desmedido pulsar de [um coração...

Elle grava o seu pulsar, naturalmente, com a planta dos pés... Não?

OSIRIS (Capital) — V. ex. confundiu uma coisa com outra. A casa de Hespanha não é a Casa da Leitura. Esta organização se destina a proporcionar aos seus assignantes, mediante uma contribuição mensal, diminuta, certamente, uma média de 30 ou mais livros mensaes, não importa o genero e os autores das obras.

A séde da Casa da Leitura está installada á rua do Carmo 70 — 1º andar, esquina de Ouvidor.

Quanto ás demais informações que me pede, adeantarei que é caso para veterinario. E' mais acertado, no emtanto, levar o seu cão ao Instituto Pasteur.

Yves

— Não se trata de um encontro de dois noivos, ha muito tempo separa... mas sim o de dois desconhecidos que procuram livrar-se de um par de taxis

AS BREDERÓDES

AS Brederódes? Quem não as conhecia em meu bairro? Magrinhas, mirradas, muito pintadas, pernas finissimas. Assim eram as quatro irmãs Brederódes, quatro "jeunes-filles", que, desde muito, haviam dobrado o cabo da Bôa-Esperança... Em virtude, porém, de adoptarem a arithmetica decrescente, a mais velha dellas não contava sinão 20 risonhas primaveras, apesar dos "pés-de-gallinhas" que, teimosamente, lhe ornavam o rosto.

Eram falantes e pernosticas ao extremo. No bairro, na sua opinião, não havia ninguem melhor e com mais distincção do que ellas. Eram apparentadas com quasi todos os personagens em evidencia na politica, mas a verdade é que esses figurões talvez ignorassem que, sobre a terra, houvesse alguem que se chamasse Brederódes.

Quem as ouvisse falar, julgava-as, talvez, herdeiras de alguns milhares de contos, tal era a "pose" que timbravam em manter.

Automoveis, para ellas, somente existiam os Rolls-Royce, os Cadillacs, os Packards, etc., Fords, Chevrolets eram nomes por demais prosaicos para sahirem de seus labios aristocraticos e carminados. No emtanto, nunca foram vistas sinão nos modestissimos "Camarões" da Light, que nos transportam aonde queiramos por uma tambem modestissima moeda de duzentos réis.

Compras? Ellas só as faziam nos grandes "magazins" do Triangulo, pois não é elegante quem não compra nesses estabelecimentos. Mas, apesar disso, o "seu" Abrahão, alli do armarinho da esquina, nunca se esquecia de mandar receber as suas contas, que, por signal, raras vezes eram satisfeitas.

Ellas se julgavam, emfim, a gente de escól do bairro, e assim olhavam com ar superior a vizinhança, o que mais aprofundava a antipathia que já desfructavam em larga escala.

Mas, nunca se está satisfeito sobre a terra!

Apesar da superioridade que a si mesmas se arrogavam, verificaram, iracundas, que, num ponto, estavam em plano inferior: nunca tinham tido namorados, como as outras meninas do bairro, onde, na rua principal, e muitas vezes nas mais escuras, á noitinha, passavam tantos casaesinhos amorosos, que faziam o juiz de paz calcular com satisfação o augmento das rendas do seu cartorio, com os futuros matrimonios.

Poderiam ellas, as Brederódes, supportar aquella differença, que, por assim dizer, lhes diminuia a sua ascendencia sobre as suas vizinhas?

— Não! — protestaram todas em côro.

E ficou estabelecido que todas ellas teriam que arranjar um namorado, mas não rapazinhos ...teis, como os das outras, não e... dantes ou simples empregados ... commercio, mas gente importa... advogados, medicos, engenhei... industriaes...

Oh! Como as outras ficar... com inveja e admirariam ai... mais o valor das Brederódes!

Feito o pacto solenne, eil-as ... janellas, da manhã á noite, ... árdua tarefa de arranjar ... namorado. Mal, no extremo ... rua, apontava um representa... do sexo forte que, pela appa... cia, julgavam preencher os ... quisitos exigidos, quatro olh... seductores convergiam para o ... bre, sem dó, nem piedade... rapaz, de longe, esboçava um ... de que lhe agradava a avent... mas, á medida que se aproxim... e dava com aquelles rostos ... pequenos e tão pintados, não ... seguia na conquista — elle ... era o conquistado! — e punha ... ao *flirt* incipiente.

Assim succedia com todos. ... nhum levava avante o ideal ... Brederódes, ou melhor a sua ... bição do momento.

— Não somos feias — (ellas ... ca acreditaram na realidade d... pelho...) e por que, até ag... apesar dos nossos esforços, ... conseguimos ainda um namora...

— Falta de sorte — emend... uma

— Muita ambição — accres... tava outra. — Queremos esco... muito. Por isso, proponho que ... vemos mudar de tactica. De... mos arranjar um namorado ... qualquer fórma, para não mag... mos ainda mais o nosso a... proprio e não desmerecermos ... conceito em que somos tidas...

O empregado, curto da vista — Que estupido! Esqueci-me de que o patrão havia posto suas roupas nesse espantalho, e estive trabalhando, toda a manhã, como um animal, pensando que elle me estava vigiando!

De João de Alcantara

E assim ficou decidido.

Os esforços redobraram-se, mas nada de darem conta do encargo a que se obrigaram.

Nesse meio tempo, abre-se um novo emporio, bem em frente ao que tinha o favor da freguezia de todo o bairro.

Com a abertura da mercearia, coincidiu o apparecimento de um rapaz que, todas as noites, dava um Syro prolongado pelo bairro.

Elle não escapou á observação das Brederódes, e, em poucos dias, era o namorado da mais velha dellas.

As outras irmãs, offendidas pela preterição, metteram-se em hostilidades contra a afortunada; mas esta as fez voltar á razão, pois o fim primordial da campanha era mostrar ao bairro o quanto valiam as Brederódes.

Elle não seria o namorado de uma, mas sim de todas ellas, que teriam direito tambem ao seu braço, nos passeios, revesando-se de quarteirão a quarteirão, excepto a mais velha, que, por têl-o conquistado, seria permanente.

Que gloria! As quatro festejaram o acontecimento, como talvez Napoleão não commemorasse a victoria de Austerlitz.

Era necessario mostrar a "conquista" ao bairro, ainda mais que o rapaz era de apparencia agradavel.

Por isso, eil-as, todas as noites, em longos passeios, exhibindo á admiração publica o podre rapaz, que, de braços dados com duas dellas, com uma paciencia benedictina, se esforçava por dar attenção a todas, pois era crivado de innumeras perguntas ao mesmo tempo.

As Brederódes exultavam, e só gabavam ás suas vizinhas as qualidades do noivo da mais velha. O coitado já era noivo, segundo ellas.

O pae delle, accrescentavam, é um grande fazendeiro na Noroeste, e o rapaz viéra para a capital, afim de não deixar o dinheiro criar môfo nas arcas paternas.

Era uma pessôa de finissima educação. Estudára em Paris. Conhecia a Europa toda. Projectava passar a sua lua de mel na Riviera.

E, para finalizar a apresentação que faziam, vinha invariavelmente a exclamação:

— E' um portento!

E nella vinham comprehendidos todos os elogios feitos e por fazer.

E que prazer não encontravam ao avaliar o effeito das suas palavras sobre as suas ouvintes!

* * *

Um dia, as Brederódes, não encontrando um condimento qualquer no seu antigo fornecedor, pediram-no ao novo emporio.

Immediatamente, o merceeiro attendeu ao pedido, mandando um empregado entregar a encommenda. E qual não foi o espanto das Brederódes, ao abrirem a porta e darem com o "portento" em mangas de camisa, sem collarinho, com um pacote na mão!

Oh! desillusão! Si um raio tivesse cahido, naquelle momento, entre as quatro irmãs, o choque não teria sido tão grande.

Esborearam-se, como castellos de cartas de jogar, os seus planos côr-de-rosa.

O facto não passou despercebido aos vizinhos (não ha gente mais maligna do que essa classe de gente), que, acostumados, todas as tardes, a apreciar o passeio-exhibição, tiveram, daquelle dia em deante, o seu espectaculo suspenso.

Mas, logo atinaram com o motivo, quando o "portento" começou a se mostrar mais no exercicio da sua profissão.

Riram á socapa, a principio, mas logo rebentaram numa gargalhada homerica, ao conhecer o ardil em que cahiram as Brederódes.

O novo negociante, traquejado em luctas commerciaes, industriava a seus empregados para que, nas horas de folga, se enfalpellassem e namorassem as moças do bairro, e por intermedio dellas conseguirem que as suas mamãs passassem a se fornecerem no seu emporio.

Foi o que succedêra com as Brederódes. O "portento" era um simples caixeiro do novo emporio.

Tambem nunca mais ellas foram vistas á janella, e no mez seguinte, na sua casa, havia pregado um grande cartaz: *Aluga-se*.

"Toitadinha!, morreu de susto!"

(A Gustavo Barroso — expressão mental do Brasil)

De Orlando Fernandes

VIRGOLINO Ferreira da Silva, — *Lampeão*, como é geralmente conhecido na historia dos grandes criminosos, — aquella tarde, terminou comprehendendo tudo. Ritinha, a mulata dos seus sonhos de amôr e de peccado, desapparecêra mysteriosamente. O coração do bandido, embora anesthesiado pela insensibilidade moral e trabalhado por todos os instinctos selvagens que ainda perpetúam as táras de nossos cruzamentos ethenicos, como si fosse ferido por um agudissimo estilête de aço, fremiu, rubro, numa convulsão faminta de odio e sangue.

Depois, calculado, deixou-se ficar quiéto, tremendo, unicamente, num "rictus" de ferocidade canina, ás commissuras largas da bôcca.

Enrijado pela falta absoluta dos mais rudimentares sentimentos de probidade, escorou-se, impreciso, ora na perna esquerda, ora na direita, num desaprumo perfeito de caça mal ferida, querendo ainda fugir. Alguma coisa de profundamente perturbador havia dentro de sua alma mameluca, e, o levava, ás vezes, a procurar, instinctivo, dominar-se, refreiando o olhar que violento que lhe punha em febre a dança galopante das arterias. Olhou ao longe, de modo vago, á-tôa, sem ver os montes nem as cercanias. A sua preoccupação seguia o impulso da percepção embotáda, perra, confusa, norteando, a custo, mentalmente, um canto, um rumo. Mas, em seguida, numa attitude inexpressiva, desconexa, vibrando, organico, á eclosão de forças internas, violentas, espraiou o olhar vitreo, ameaçador, chispante, demorado, pelas fraldas da serra do Araripe. Aprumou-se melhor, mordeu os lábios, franziu feróz as sobrancêlhas, reaccendeu a expressão hypnótica das pupillas, animando o primitivo esgazeamento que antes lhe chammejava á vista. Ahi, então, os seus olhos vermelhos tomaram um brilho mais congestionado, mais intenso, mais profundo, mais sinistro, collectando dentro das orbitas todo o fulgor macio que anima o olhar traiçoeiro das onças carniceiras. A mão rugosa e larga, de dêdos curtos, calósos, estendeu-se-lhe num movimento lento, até alcançar o cabo de oiro do punhal que lhe pendia da cinta. Num gesto caracteristico de disfarce aprendido á pratica rescidivista de delictos monstruosos, limitou-se a acariciál-o, demoradamente, prelibando, na ameaça terrivel o extasi infinito de sua requintada volupia assassina. O semblante fechado, carrancudo, á medida que elle alisava o cabo de oiro do punhal, tambem ia se desanuviando, emquanto a bôcca larga se lhe entreabria numa grande contracção de féra bocejando faminta.

Mas, logo em seguida, os labios grossos, irrequiétos, da côr escura do figado, crispavam-se-lhe novamente no aperto rilhante dos dentes fortes, largos, amarellos, cheios de limo, terminando ponteagudos como os de um cão. Por fim, mastigou uma queixa surda, ameaçadora, aterrorizante:

— Esta, você me paga, Ritinha!

E, ficou-se de novo, mansamente, acariciando o cabo de oiro do punhal.

Depois, num movimento rapido, abriu o embornal de balas, e, lá do fundo, misturado com cartuchos de carabina, retirou um "terço", um amulêto de "capim-santo", uns "tentos" enrolados no corpo de madeira de um São Sebastião minusculo, amarrado pela cintura ao tronco de uma velha arvore

rugosa, todo varado de flexas. Beijou-os, contricto, um a um, piedosa e santamente. Em seguida, collocou tudo aquillo, delicado, cuidadoso, no fundo do mesmo embornal, donde retirou uma pelle negra, melada, de "mapinguim" ... que levou á bôcca. Por alguns minutos, permaneceu mergulhado no mais profundo silencio, deixando-se ficar com ella entre os dentes, triturando-a calma e pacientemente. De quando em quando, pelo canto flácido da bôcca, soltava uma cusparada gosmenta, verde, nauseante, acompanhada sempre da mesma ameaça:

— Esta, você me paga, Ritinha!

Nesse momento, por sua cabeça assimétrica, sem a belleza morphologica dos contornos normaes, passaram, galopando, nuvens escuras, idéas negras, ondas de sangue, ...eadoras, vertiginosas, que o levaram, aos tombos a sentar-se á soleira da choça.

Chegara o instante supremo da cegueira mental.

Deante de seus olhos turvos, num painel allucinante de epiléptico em estado de fuga, estendia-se, agora, um mar immenso, que bramindo em ondas montanhosas, que o sepultavam em vida. Depois, a confusão cerebral começou a diminuir, estabelecendo, em successão continua, uma variedade infinita de outras cambiantes, mais vivas, mais duradouras, em que só elle enfermo se via em luta contra todas as forças policiaes do nordeste. A respiração ficou mais affrontada, mais offegante, as narinas mais dilatadas, mais tremulas, crescendo e diminuindo, fechando e abrindo, como si dosássem, ás gottas, o elixir violento do rancor que a alma lhe escondia.

• • •

A noite chegou, finalmente.

O manto escuro do crepusculo na caatinga nordestina, tem, na agonia sêcca da terra, tonalidades vibrantes de ansias prolongadas. Os cardos e as bromélias, entalicadas de espinhos, dentro da natureza núa, escancellada, pontôam, por cima dos lagêdos numa tentativa suprema de vegetação que extingue á falta dagua.

Em meio dos campos, em cima das lombadas, dentro dos grotilhões, os ultimos raios do sol, doirando as pedras, cauterizando as ...inas, derramam-se fagulhantes, vivendo no arquejo do dia que morre a expressão cinzenta de queimadas distantes, espalhando, pelo ar, um cheiro intenso de fogo. As rochas graniticas, arqueiam-se ...adas, formando a ossatura immensa dos esquelêtos das serras, e chispam no incendio da canicula a ...thania vermelha dos ermos abrazados. Com a noite, a natureza apaga as fogueiras das planuras, e accende, nas estrellas distantes, as coivaras luminosas do céu. Dentro do sertão, sente-se que, do tronco de cada arbusto, do seio dos marmeleiros, da ponta de cada ramo, do fundo de cada gruta, silva um lamento, gargalha uma ironia, rebenta um brôto, crepita uma fornalha, estronda um trovão, esgulacha um uivo, magestoso, atordoante.

As cascavéis chocalham e as raposas gritam orchestrando o banquête lugubre dos famintos. No mais, só a multidão das arvores esqueléticas, desfolhadas, sem sombra e sem seiva, revivendo, na fornalha dos desertos, a fantasia decorativa das miserias humanas. Nas baixadas, o cardume dos pyrilampos phosphoresce de longe em longe, tentando, inútil, incendiar a cortina negra da noite. E o sopro morno do vento, — "aracacy e simoum", — vae contorcendo os caules, e levantando pelo ar, em rodopios, as ultimas folhas mortas. Só as aroeiras resinosas, desafiando as inclemencias soltas, ficam firmes, indifferentes, aguentando o peso das lufadas aliseas, na tortura da sêde, na loucura da fome, galhos desvairados, soberbos, cantando, com a toada dos ramos, a symphonia wagneriana das raizes, contorcendo-se, afflictas, pela terra a dentro, em busca de alimento.

Mas, Virgolino Ferreira da Silva, — o homem feito tigre, — nada parecia ver nem ouvir. Desde criança, no "Riacho do Navio", nos centros de Pernambuco, se acostumara ao espectaculo constante de todas as desgraças. No

(Continúa na pag. seguinte).

seu systema psychico, embotado, nem o pavor entrava. Com a fronte inclinada, o olhar vago, pensava, apenas, na vingança planejada. O odio que lhe nascêra contra a mulher amada era arvore e frondejava. Crescia proporcional, allucinadamente. Estava quasi na phase de arrear-se de sanguinolentos pomos. A' eclosão dos sentimentos surgiria a féra, e só encontraria simile perfeito na furia felina dos cangussús. Ahi, então, como das outras vezes, elle mataria para desatruir.... para estragar.... para se divertir.... pelo simples prazer de atirar e ver a quéda!.... Até aquelle dia, porém, nada lhe havia succedido que mais o molestasse e ferisse. Como era immenso o rancor que já sentia pela Ritinha. De que lhe servira, em tudo aquillo, a grandeza do seu amôr?!

— Confiei, demasiado! — lamentou, entre dentes.

Pela primeira vez, em toda a sua vida, "Lampeão" sentiu desejos de sucumbir ás mãos da policia. Notou, logo sem querer, cheio de fel, entalado, alguma coisa que até então, nunca tinha experimentado. O sentimento que o prendia aquella mulher não provinha somente do desejo de possuil-a. A brutalidade material do seu amôr selvagem quasi que desapparecêra. E, sem que o bandido soubesse, havia, no desmantelo moral de sua vida amorosa, muito mais coração. Desde que a vira e a raptára para o centro distante do seu antro de pedra, fôra por ella, somente por ella, que elle se resolvêra a ser "Capitão de Bandidos". Dahi em deante, delinquira, diariamente, com mais requinte selvagem, apenas, para envaidecêl-a na em-

"Coitadinha!, morreu de susto!"

(Continuação)

briaguez homicida de suas victorias de sangue. Escravo de todas as taras degenerativas que o caldearam, era, como os de sua farandula, um miseravel, irremissivelmente preso á fraqueza dominante dos ultimos factores de resistencia interna, sentindo, dia a dia, dentro do seu organismo, diluirem-se, numa especie de sombra, as idéas do Justo e os impulsos do Bem.

A's vezes, quando estava só com ella, todo entregue á brutalidade de suas exaltações amorosas, tinha impetos terriveis e a mordia toda, pelos hombros, pelas orêlhas, pelo pescoço, faminto, insaciavel. Em seguida, uma melancolia depressiva, hipocondriaca, dava-lhe vontades indefinidas, e, sem saber por que, vinha-lhe o desejo de pôr termo á sua vida de crimes, epilogando-a com o assassinato da amante, deixando, de vez, os incendios e os saques. Mas, bastava que Ritinha grunisse dengosa á concha de seus ouvidos, para que elle a amasse de novo, e, de novo, se enthusiasmasse pelo fulgor sinistro de sua fama. E, todo em febre, numa transformação de energias delictuosas, povoava-se-lhe todo o ser de violentas descargas nervosas, como si um formigueiro percorresse, fibra a fibra, o fundo enfermo do seu organismo. Então, Virgolino soerguia-se do abatimento momentaneo, desvencilhava-se da melancolia e recomeçava, mais violento, mais deshumano, mais sinistro, a mesma luta contra a vida, contra a honra, contra a propriedade, resangrando, a punhal, a carótida das victimas que lhe cahiam ás mãos sem notar, comtudo, no seu fatalismo de criminoso perseguido pelas forças policiaes de seis Estados. Depois dos recontros sanguinolentos, Ritinha fôra sempre a fonte de novos encorajamentos. Mas até isso agora lhe faltava. O destino, na sua acção muda, fatal, inevitavel, cruel, ferira-o profundo que das outras vezes, porque, havendo-lhe roubado a Ritinha, lhe arrancava a companheira, a esperança, o consôlo, a alma e coração.

— Quem sabe!?... Tudo isso bem póde ser obra do Sabino, — pensou. Mas, não póde ser — concluiu de si para si. A Ritinha já deve estar cançada. Quantas vezes, por causa della, não me vi obrigado a fazêl-a fugir á noite, por dentro da matta?! Mas, mesmo assim, não era eu o seu homem, o seu heróe?! E, quantas vezes eu matei somente pelo prazer de vêla exaltada?! Por causa della, quantas juras eu quebrei?!.... E ficou mudo, cheio de recordações, a reviver o passado. Daquelle dia em deante, Ritinha devia ser, para elle, como uma mulher qualquer... de toda a gente... Uma nuvem de sangue toldou a pelle cobreada do seu rosto, e uma pallidez intensa, chocante, alterou-lhe todos os traços physionómicos, retratando, nos longes fugidios de sua expressão mongolóide, uma decisão terrivel, monstruosa. O odio selvagem, bestial, aguilhoado pela afronta aggravada de fuga, tomára conta do seu cerebro, annullando-lhe os ultimos pensamentos de amôr e de carinho. Levantou-se, estendeu a mão em rumo da serra.

(Continúa na pag. seguinte)

e, com a ira concentrada, as pupillas desvairadas, era Lampeão, naquelle momento de loucura homicida, em cima da Terra e em baixo do Céu, o perigo mais imminente, a ameaça mais séria que já pesou dentro do coração do Nordeste.

— Esta, você me paga, Ritinha!... Você e o seu amante! — exclamou, trágico, numa expressão suprema de raiva.

A essa ameaça, dentro da noite fechada, respondeu agoirenta, a gargalhada de uma coruja distante.

* * *

Uma semana depois, pelo fim de uma tarde de quinta-feira, Virgolino apanhou a carabina, o punhal, a cartucheira, um rêlho, um camisólo, um cano de ferro, e, rindo, disse para os companheiros do bando:

"Coitadinha! morreu de susto..."

(Continuação)

— E' hoje o meu grande dia!... Vou caçar os pebas!... E, sem permittir que os cabras o acompanhassem, metteu-se, rasteiro, cauteloso, pela caatinga a dentro.

Auxiliado por "Cobra Verde", bandido sob a sua chefia, mas tão cobarde e desleal quanto elle, conseguira todas as informações. Ia direitinho até encontrál-a em pleno coração da serra. O roteiro era completo. Quem lhe roubára a Ritinha, naturalmente, por sua propria vontade, fôra de facto o Sabino, o leão da Parahyba, ladrão, carbonario e assassino, de instinctos mais sanguinarios e, em tudo, muito mais valente que *Lampeão*. Era um typo cafuso, de cabello da côr de bucha de côco sêcco, vermelho, quasi estopa, encarapinhado, de pelle mestiça, imberbe, apontado nos sertões como autor de vinte e cinco homicidios, cincoenta incendios, e mais de duzentos attentados ao pudor, e, tudo isso, apenas, com vinte annos de idade. Era ligeiro como o gato e ninguem havia com melhor pontaria ou que jogasse a faca e o cacête com maior precisão mortifera.

Lampeão protelára até aquelle dia, aguardando o momento que lhe parecesse mais propicio. Durante todo esse tempo ficou amadurecendo e ruminando o requinte da desforra, com a paciencia venenosa das cascavéis á beira dos caminhos. Nas cogitações de sua vingança, muitos planos lhe haviam assaltado a mente exaltada, delirante, sonhadora. Ao primeiro instante acudíra-lhe á mente a idéa de desafiar o rival, e bater-se com elle, á faca, amarrado um ao outro pelas fraldas das camisas, até que o mais valente, o mais agil, abatesse o inimigo. Mas, isso não lhe trazia nenhuma vantagem, — concluiu depois de um sério confronto. Sabino era mais valente, mais ligeiro... O melhor seria esperál-o, de tocáia, por traz de uma moita, na curva da estrada, para varál-o, certeiro, com um tiro. Depois, iria, descançado, ao antro da féra, estraçalhar a punhal a mulher que o enganára. Mas, todos esses pensamentos passaram. *Lampeão* carecia de encontrar um supplicio novo, uma coisa mais afrontosa, que torturasse mais a alma do que o corpo... Era melhor... Além disso, si fossem lutar, peito a peito, elle levaria uma desvantagem enorme. Sabino era mais delgado, mas tinha mais força e era muito mais forte. Na tocáia a coisa era differente, pois nunca errára um tiro.

A certeza desse ultimo argumento convenceu-o, mesmo por que era o unico que não lhe offerecia o perigo de ser assassinado antes de poder realizar o seu desmedido sonho de vingança.

— Mas, um tiro, no Sabino!... A morte é muito rapida, — lembrou contrariado, desejando que ambos soffressem na proporção da afronta que lhe haviam feito. Concentrou-se por alguns minutos e delineou outro plano. Deveria ser

muito selvagem, mesmo barbaro e muito seguro, dada a alegria que se lhe estampou no rosto. Sorriu de satisfação, esgarçou os labios, mastigou outra pelle de "fumo", ficando como féra cheia de fome, a abrir, de quando em quando, as fauces immundas. Os dias dessa espera, elle os vivêra, concentrado, na ansia desse dia. E, emquanto as semanas iam decorrendo, o tempo levára a tranquillidade e o descuido aos amantes fugitivos, prendendo-os, num viver despremunido, certos de que, nem mesmo "Cobra Verde" conheceria aquella furna. Mas, descobertos, estavam agora ás mãos de *Lampeão*. E, naquelle dia, a divida de honra ia ser liquidada.

* * *

Agachado, ora de cócaras, ora de rastros, *Lampeão* varou a caatinga, durante a noite toda. Ao clarear do dia, sem que fosse visto, lá estava elle, á borda da fonte, bem em frente á gruta do Sabino. O bandido, logo que o dia clareou, viu-o, repetidas vezes, ora só, ora com o braço em torno da cintura de Ritinha. Por mais de uma vez sentiu desejos immensos de matál-os, dali mesmo, com dois tiros. Mas, com um esforço quasi sobrehumano, consentiu conter a sua energia delictuosa. E, para attrahir o amante de sua mulher começou a cantar como os jacús. Cantou alto, balançou as moitas, os galhos, bateu azas, proposital, barulhento. Nesse instante, o olhar de *Lampeão* era em tudo como o olhar do gato perseguido, brilhando acoado, nas trevas da noite. As pupillas estavam dilatadas, cheias de fôgo, reanimando a intensidade do odio que o amôr creára.

Sabino notára tudo. Desconfiado, cauteloso, de rifle em punho, bala na agulha, dêdo no gatilho, surgiu esgueirado á entrada da gruta. E orientando, num instante, o rumo da moita em que os jacús cantaram, avisou para dentro:

— Jacú ou *Lampeão*, eu volto já, meu amôr.

E, entrou, tambem, na caatinga. Mas, não tinha ainda percorrido vinte metros, vagaroso deitado, de modo que nem mesmo as folhas chiavam, com o dêdo no gatilho, com o cuidado mais adeante, quando sobre a sua cabeça descoberta cahiu o estrondo de um violento golpe dado com o cano de ferro, vibrado ás duas mãos pelo pulso musculoso de *Lampeão*. A pancada fôra enorme, e em tudo excedêra a resistencia do craneo. Pegára-o em cheio, por cima da circumvolução de "Broca", fazendo o cabra esparramar-se sem sentidos. *Lampeão*, rapido como a gibóia, virou-o, de "papo para o ar", e, amarrou-o de pés e mãos, amordaçando-lhe a bôcca. Desacordado, sem qualquer noção de vida, Virgolino ergueu-o, levou aos hombros e, com elle ás costas, quasi sem ruido, pôz-se a carregál-o, pela matta a dentro.

Por fim, depois de uns dez minutos de marcha parou numa pequena clareira. Atirou o bandido ao chão, tomado de uma alegria bestial, e ficou-se a olhál-o todo, cheio de curiosidade, com o suor a lhe escorrer pelas frontes. Ao choque da quéda recebida, Sabino despertára banhado em sangue, ainda confuso, meio tonto. Mas, ao fim de alguns minutos, entrou na posse de si mesmo, e toda a sua consciencia voltou. Estorceu-se, esperançoso, retesando todos os musculos do corpo, num esforço desmedido, supremo, em que entraram as ultimas reservas de sua extraordinaria capacidade physica. Tudo, porém, fôra inutil. Era impossivel quebrar os relhos, bem trançados, feitos de coiro crú de "mambira".

Lampeão olhou, risonho, bem nos olhos do cabra, chacoteando cruel:

— Si você é homem, Sabino, agora é que eu quero vêr... Você não tem tanta força?... Quebre

(*Continúa na pag. seguinte*)

os rêlhos!... Era isso que eu queria vêr você fazer... Não é tão valentão?... Brigue agora!...

E soltou uma gargalhada infernal, intraduzivel, em que havia mais de monstro que de humano. Depois, continuou, zombeteiro, cheio de pabulagem:

— Vamos!... Que é de suas mandingas!... Você não me disse que tinha reza forte, e que nem bala, nem cacête lhe quebrariam a cabeça!?... Você é um mentiroso!... E soltou outra gargalhada da mais sinistra, mais feróz. Depois, com a maior naturalidade do mundo, pôz-se a lamber os dédos e as mãos sujas de sangue, rematando, num muxôcho:

— Você pensava, Sabino, que era só roubar a Ritinha... Que ficava amancebado com ella pr'a toda vida... Você está enganado, cabra sem vergonha!... Fale, bandido!...

"Coitadinha: morreu de susto!..."

(Continuação)

Pensava que eu ainda dormia!?... Enganou-se, seu canalha!... Eu, hoje tomei o dia para rezar pr'a São Sebastião e me vingar de você, bandido!... Sou a encarnação viva da justiça...

E, num gesto de significação immensa, alisou, cheio de volupia assassina, o cabo de oiro do punhal.

— Está vendo isto aqui? Sabe como se chama? E' o Abner do meu tribunal! — disse, afrouxando-o da bainha.

Sabino olhou-o sem pestanejar, mudo, espumando de raiva pelos cantos da bôcca amordaçada, emquanto, o seu rosto e a expressão sinistra de seus olhos iam tomando um aspecto de terror, velado, infinito.

— Cabra ordinario como você eu não mato, continuou *Lampeão*. Você vae morrer de ruim, ali em cima daquelles cupins de "mangangás"... E' assim que você morre!... Vae morrer devagarinho sem poder gemer, nem gritar!

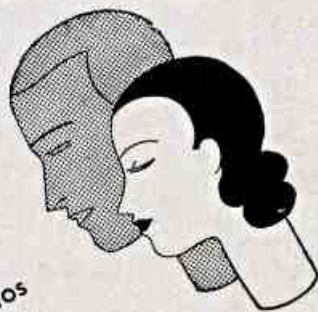
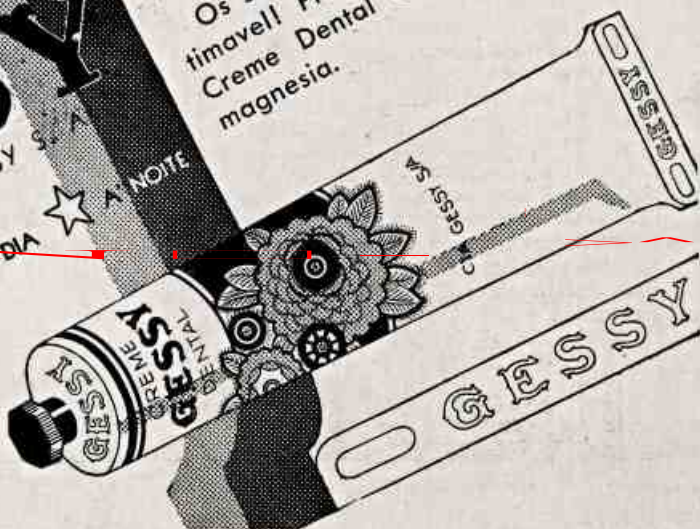
Sabino olhou para o canto indicado, e, num golpe de pensamento, comprehendeu a extensão do supplicio que o aguardava. Como ia ser terrivel a sua morte!... Mordido, ferretoado lentamente por esse enxame de vespas cabelludas, doiradas, zumbidoras, cujas picadas venenosas queimam como causticos de braza...

Lampeão arrastou-o, pelos pés, para junto dos ninhos dos "mangangás". O momento era supremo. Sabino, por mais que procurasse um meio, recurvando-se, escabujando, grunindo, esperneando, apenas conseguia assanhar as abelhas que o cobriam em cardumes, em nuvens, voltejando zumbidoras, vermelhas, grandes, carnivoras, ferózes! E, aos centos, aos milheiros, aos milhões, os "mangangás" subiam-lhe pelas roupas, cobriam-lhe o rosto, as orelhas, os olhos, o cabello, as mãos, os pés. As primeiras picadas fecharam-lhe os olhos.

E o desgraçado, em berros surdos, desvairados, allucinantes, mesmo amordaçado, amarrado, ia estrangulando os musculos, cortando as carnes, á ansia intraduzivel da loucura dos movimentos, na tontura da dor, á procura da liberdade! E, quanto mais se mechia, tanto mais os "mangangás" o mordiam.

Lampeão parecia contente. Quanto mais Sabino se affligia, tanto mais elle se deliciava, a olhál-o risonho, sem o menor vislumbre de piedade. Como lhe parecia bello o quadro: — Os "mangangás" furiósos, assanhados, zumbindo, picavam-no por todo o corpo, — na testa, nas orêlhas, no pescoço, no nariz, nos olhos, por fóra e por dentro da roupa. E o miseravel escabujava, com as feições congestionadas, em franca deformação.

(Conclúe na pagina 45)

CONSERVE
O QUE A NATUREZA LHE DEU!
A natureza deu-lhe dentes perfeitos ou quasi. Conserve-os assim ou melhore-os. Nunca permitta que, pela incuria, seja destruido esse dom inestimavel!
Visite o seu dentista duas vezes por anno e escove os dentes tres vezes ao dia, com o Creme Dental Gessy.
O Creme Dental Gessy alveja os dentes e augmenta o brilho e o vigor do esmalte. Evita o tartaro, graças á sua formula anti-acida, em que entra o leite de magnesia. Desinfecta o meio buccal, sem prejudicar as defesas naturaes da mucosa. Neutraliza a acção deleteria dos residuos alimentares, mesmo daquelles que não podem ser removidos pela escova. E corrige o mau halito sempre que as suas causas não provenham do estomago ou das fossas nasaes.
Os seus dentes são um thesouro inestimavel! Preserve esse thesouro! Use o Creme Dental Gessy contendo leite de magnesia.
CREME DENTAL
GESSY
PRODUCTO DA CIA. GESSY S/A
DE MANHÃ
AO MEIO DIA
Á NOITE
CREME DENTAL GESSY
GESSY

A primeira ruga

ELLA mirou-se no espelho. E estremeceu. No rosto apparecêra-lhe uma ruga. Bem no canto dos olhos. Funda. Indelevel.

A bôcca da mulhér contrahiu-se num rictus atroz.

A triste descobêrta fazia-a aproximar-se da realidade. Uma realidade grosseira que ella procurava afastar.

Mas, já não havia duvidas. Envelhecia.

Como aquella, outras rugas haviam de apparecer. Outras, marcando-lhe o outomno da vida.

Com a mão trémula, ella procurou repuxar a pelle. Alizál-a... Esperança louca. Allucinação...

Vendo que nada conseguia, a mulher sentiu as forças faltarem-lhe. E, desesperada, deixou-se cahir sobre a cama.

Aquella ruga representava para ella o fim. Ninguem mais a quereria. Seu rosto começava a ficar feio. E não mais poderia servir de engodo aos homens.

Pobre mulhér! Via a juventude afastar-se a passos largos, sem poder retêl-a. Era impotente... Ros via aproximar-se o alfange homicida sem poder fugir.

Tornou a levantar-se. E novamente mirou-se no espelho.

Seus olhos, uns olhos grandes e negros, pareciam ter perdido o fulgor. Uma névoa de lagrimas empanava-lhes o brilho.

A mulhér olhou para o futuro, horrorizada. Via-se só. Miseravel. Desprezada por todos.

Outras, jovens e bellas, a substituiriam. E aquelles logares que haviam presenciado as suas glórias veriam, impassiveis, o apogêo de outras.

Um suspiro ergueu-lhe o peito. E escapou-se-lhe por entre os labios rubros de "baton".

Lá em cima, no céo, a lua occultou-se por detraz de uma nuvem negra. Não quiz vêr o martyrio lento e doloroso da mulhér que envelhecia...

AFFONSO NETTO

O MAIS DÔCE SONHO...

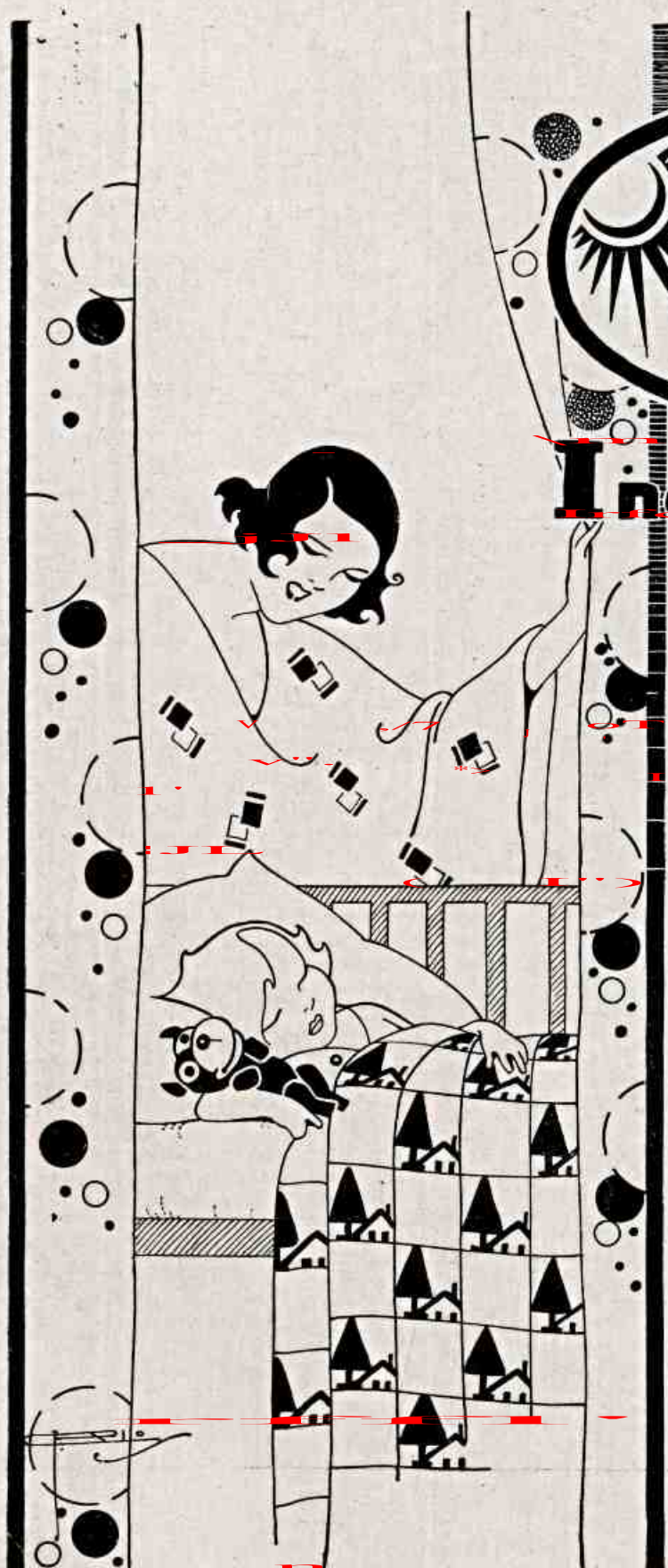
A cutis impecavel, obtida com um pó de arroz de ALTA QUALIDADE e de perfume inebriante.

realisado por

ORYGAM de GALLY

CAIXA 6$

I
Indanthren
UMA mamãe... um berço... um bebê... Em resumo: a vida humana em um poema divino. E tudo é rima e rithmo nesse poema de amor: harmonisa-se o som da voz materna, acalentando, aos balbucios da linguagem do bebê; harmonisam-se os perfumes, harmonisam-se as côres...
Mas para que, dessas ultimas, não se perturbe a harmonia, é preciso que ellas não desbotem; que todas as fazendas da roupa do bebê sejam tintas com corantes
Indanthren
resistentes ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

ANNO XXVII FON-FON NUMERO 15

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 8 de Abril de 1933

AMADORISMO

O Brasil é um paiz de amadores. Ha-os para todos os paladares. E' só escolher... Onde, porem, elles estão em maioria é na imprensa. O brasileiro bebe ares pelo jornal. Por isso o titulo de jornalista exerce um poder de fascinação surprehendente, sendo usado com espantosa facilidade justamente por individuos sem profissão certa.... Talvez supponham que o titulo seja uma especie de gazúa apropriada para arrombar as portas do reino da gloria. E o que era antigamente um prazer dos Deuses, é presentemente a idéa fixa dos ingenuos. Observem. Qualquer rapazelho que apanha notas já dactylographadas nos gabinetes ministeriaes, quando entra numa redacção, está compenetrado de que vae metter no chinélo os principes do nosso jornalismo, Patrocinio, Bocayuva, Guanabara

Os revisores tambem são jornalistas, e com maior razão, pois, de quando em vez, corrigem os cochilos dos *mestres*. Mas, amadores do jornalismo são todos no Brasil, até mesmo os que nunca penetraram numa sala de jornal. Apenas é de se lastimar que a mania não redunde em proveito da collectividade, porque, sendo a imprensa um novo Estado dentro do Estado, ou o quarto poder, como dizem, não é explorada na razão directa da sua importancia.

O defeito não está na machina, evidentemente. Certo, pela carencia de profissionaes, os amadores encarregaram-se de estragal-a, e por fim.... Tal qual como acontece com a Politica, uma senhora horrenda, cheia de vicios infames, e que, não sabemos por que, exerce tambem extraordinario imperio sobre o brasileiro em geral. Ainda não descobriram meios e modos de conduzil-a para o bom caminho, limitando-se cada qual a cobril-a de apôdos.

A náu desarvorada do Estado está sempre ameaçada de naufragio, pelo excesso de lotação dos amadores dispostos a guial-a para um porto abrigado dos ventos do odio. Entretanto, o grito não cessa contra os profissionaes da politica. Onde estão elles?! Todos repetem, a cada passo, estadistas não se improvisam, porem, no intimo, qualquer prefeito de roça está convencido de que póde governar a provincia e tomar um bonde directo ao Cattete, olhando com desprezo para as taboletas que dizem: *Via Bento Lisbôa*. Para tudo, hoje, se exige o profissionalismo seleccionado. Cursos especializados para os mistéres menos delicados. Só o Brasil não quer admittir o profissionalismo politico, na época dos syndicatos de classes! Os senhores já ouviram falar em Gambetta, em Cavour e Lamartine? Este ultimo, como autor de *Graziella*, é popular; mas, refiro-me ao *outro*, áquelle que Quentin-Bouchart estudou magistralmente em *Lamartine — Homme politique*.

E que tal lhes parece Mussolini? Não acham que taes valores da politica, no Brasil seriam absorvidos pelo amadorismo? Eu acho. Entre nós os estadistas amadores são do *outro mundo*. A tal ponto, que muita gente está convencida que os unicos profissionaes existentes no paiz são os politicos. Vamos tratar de outro assumpto, pois estamos em vesperas de eleições...

MARIO POPPE

MISCELANEA

PARADOXO

A mulher é intrinsecamente sincera. Não se admirem que eu faça essa affirmativa alarmante. Ella é sincera — mas só quando mente. A mentira é a sua verdade sacramental.

Analizemos o caso: si uma macieira, em logar de produzir maçãs, désse uvas, é claro que seria incoherente e mentiria á sua finalidade vegetal. O seu destino é dar o fructo com que Eva tapeou o pobre do Adão... A arvore é sincera com a natureza.

Assim é a mulher. Mentindo, ella é intrinsecamente sincera.

Si dissesse uma verdade, praticaria um absurdo tão grande como si a macieira désse uvas.

COMO SE CONHECE A ALMA FEMININA

Ha tres meios faceis, segundo os quaes se póde conhecer o caracter de uma mulher complicada: através da calligraphia, dos traços physionomicos e pela inflexão da voz.

Para mim, o mais seguro de todos é o ultimo.

Tolstoi tambem o preconiza nas paginas da "Sonata de Keutzer". O grande pensador o considera infallivel.

Vejamos. Quando uma dama me fala dez minutos pelo telephone, eu me julgo absolutamente capaz de dizer si ella é bôa ou má, violenta ou docil, firme ou voluvel, fingida ou sincera.

Basta que ella pronuncie, com clareza e naturalidade, estas palavras e phrases: "sim" e "não", "quero" e "não quero", "amo" e "não amo".

Juro como lhe definirei a alma num minuto.

Entretanto, nunca achei um processo infallivel que me revelasse o verdadeiro caracter masculino.

E dizem que as mulheres são esphinges crueis, desafiando a intelligencia dos Œdipos.

Qual nada!

A mulher é um novello de linha frágil e banal. Nós homens é que a embaraçamos, pelo simples prazer de lhe desfazermos os nós cégos do amôr...

O FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

O capricho é o veneno com que a mulher estraga a vida dos homens. Mas, ás vezes, ella o não sabe dosar, e envenena a sua propria existencia. E' que, em geral, não tendo uma noção muito exacta do que seja proporcionalidade, ella o dósa de mais.

O capricho é uma especie de sublimado corrosivo, para a alma de quem o applica, em altas dóses.

Querem um exemplo? Uma joven rejeita o affecto sincero de um homem — somente para o ferir ou fazêl-o soffrer. Casa com outro. Mas, no fim, não gostando do esposo, acaba sendo infeliz. Outras vezes, não casa com ninguem. Para fazer picuinha a uma rival, ou a um antigo namorado, decide esperar um partido que não encontra nunca.

Resultado: fica solteirona. Fica para "titia"...

Pergunta-se: o seu capricho foi ou não foi um veneno?

Bastaram alguns centigrammas a mais, sobre a dóse normal, para que envenenasse a vida inteira.

Cuidado, jovens caprichosas!

Attenção, senhoritas solteironas!

TEMPERAMENTOS

Certa vez, perguntei a uma senhorita das minhas relações o motivo por que rompera com o noivo. E ella confessou que a razão era simples. Tratava-se, nada mais, nada menos, de um homem rude, pouco affeito aos meios elegantes.

— Imagine, — disse a moça — elle é tão grosseiro tão indelicado, que já me deu um forte beliscão — ao ponto de deixar o braço rôxo. Quando casar, que é que não fará?

A outra noiva, fiz pergunta identica. E ella esclareceu:

— Acabei o meu noivado com o Roberto, porque elle era assucarado demais. Era excessivamente amavel.

E' rematou, sorridente:

— Gosto de homem forte, violento, que me brutalize e espezinhe.

Depois disso, desisti do fazer psychologia feminina. Para que? O melhor é acceitar a mulher como ella é. Façamos como Stecchetti — para quem as Evas são como o vinho. Si este é bom, não interessa saber-lhe a idade nem a marca.

YVES

SOCIEDADE CARIOCA

Mlle. Georgina Fernandes Pinto, distincto elemento da nossa sociedade.

(Galeria Irmãos De los Rios).

Ensemble du soir en velours paysan rouge castor. (Photographia da Casa Jean Patou, especial para FON-FON).

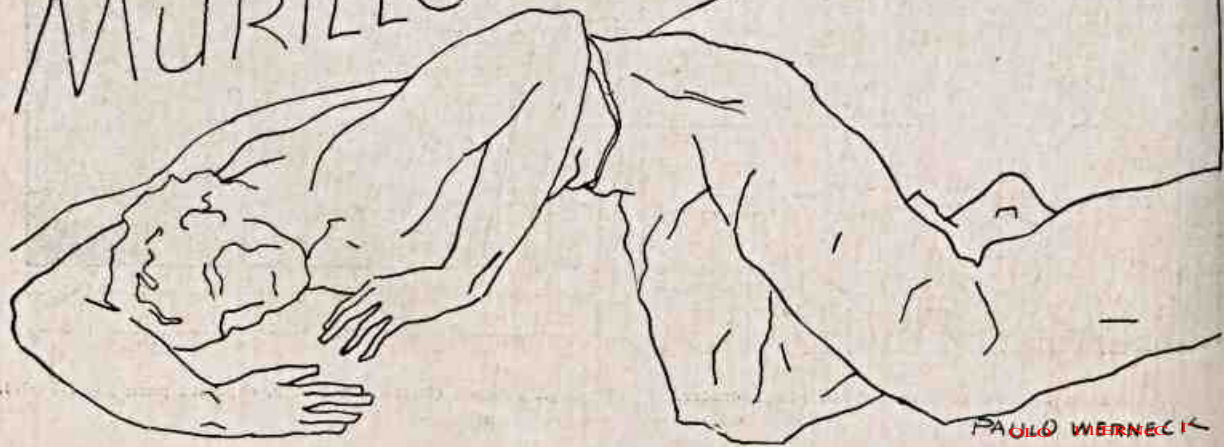
O homen surge de rastros, soffredor,
E, após beijar o chão durante um anno,
Um dia, num esforço sobrehumano
Ergue o corpo da terra, vencedor!

E vae cantando... A primavera em flôr
Nos seus olhos desperta o olhar profano!
Depois, logo depois, o desengano
E as amarguras do primeiro amor!

Verão, inverno, primavera, outomno...
O relogio do tempo cabriolando
N'uma tristeza a sua vida encerra!

Desde esse dia, o homem, no abandono,
Vae aos poucos volvendo, se inclinando
Para cahir vencido sobre a terra!

MURILLO FONTES

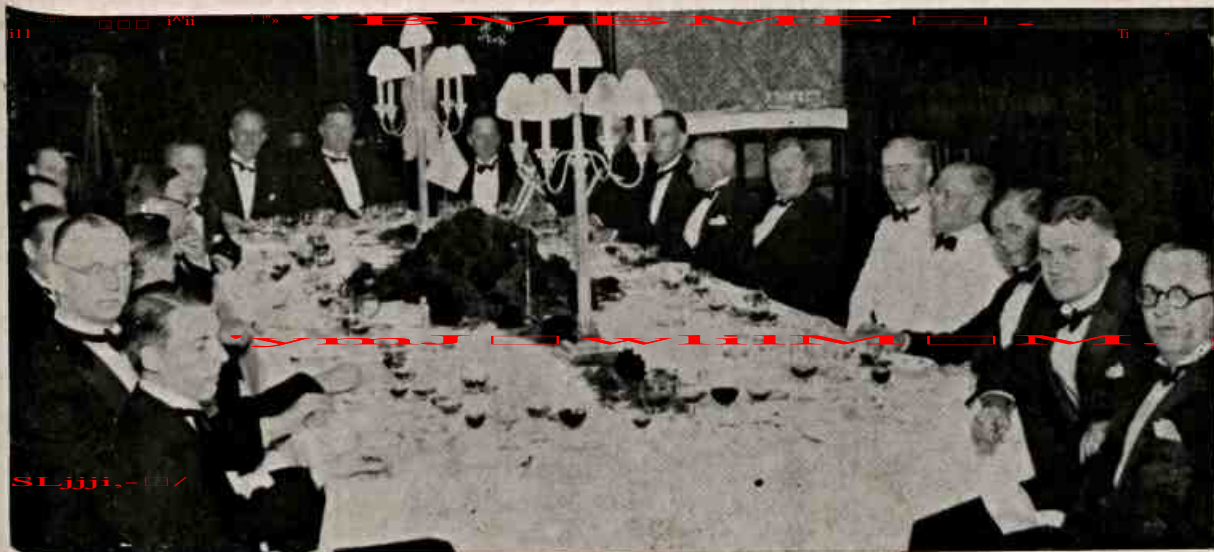
PAULO WERNECK

Na galeria nobre do Club Militar foram inaugurados, quarta-feira penultima, o retrato a oleo do marechal João Vicente Leite de Castro e o busto em bronze do tenente-coronel Senna Madureira, duas figuras illustres do Exercito brasileiro, sobre cujas virtudes militares falou, como orador official daquella instituição, o general Moreira Guimarães.

"FON-FON" E SUA EDICÇÃO DE ANNIVERSARIO

A proxima edicção de FON-FON, commemorativa do anniversario desta revista, e que circulará no sabbado, 15 do corrente, terá o seu texto augmentado de varias paginas, offerecendo aos nossos distinctos leitores, alem de um aspecto material cuidado e magnifico, collaborações literarias dos nomes em maior evidencia no scenario intellectual do paiz.

Todos esses trabalhos, escriptos especialmente para o numero de anniversario de FON-FON, apresentam-se finamente illustrados pela arte impressiva de Paulo Werneck e Renato Palmeira.

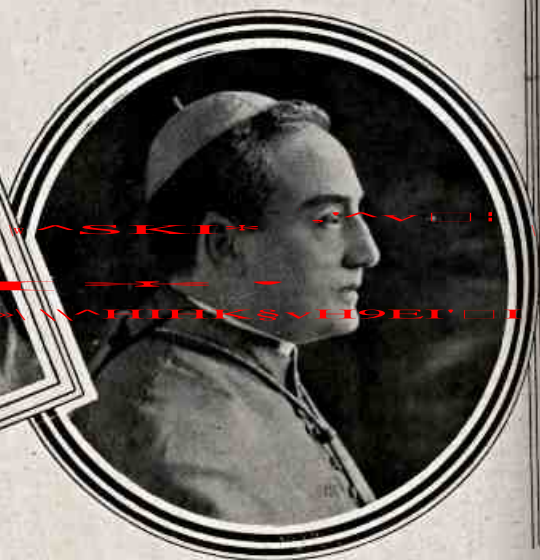
O desenho da capa foi feito pelo illustre pintor Manuel Constantino.

Entre os nomes que figuram nessa grande edicção de FON-FON, podemos destacar os seguintes: Gustavo Barroso, Martins Capistrano, Elcias Lopes, Mario Poppe, Bastos Portela, Berilo Neves, Abgar Renault, Mario Sette, Gilberto Veiga, Mario Linhares, Palmyra Wanderley, Raul Lellis, Oliveira e Silva, Nilo Bruzzi, Severino Silva, Conchita Cid e outros.

A colonia norueguesa desta capital reuniu-se num jantar de cordialidade, que se realizou na semana passada, com a presença do ministro da Noruega e do consul da Suecia, especialmente convidados para o ágape.

O ANNO SANTO EXTRAORDINARIO E AS ESPERANÇAS DO BRASIL

UMA cerimonia altamente significativa, pelo que representa para a christandade, realizou-se sabbado ultimo, em Roma, com a abertura das portas santas das quatro basilicas patriarchaes da Cidade Eterna: S. Pedro, S. Paulo Extra-Muros, S. José de Latrão e Santa Maria Maior. Com essa solennidade

S. s. o papa Pio XI, chefe da christandade.

S. e. o cardeal d. Sebastião Leme, chefe da Egreja Brasileira.

O núncio apostolico, d. Aloisi Masella.

inaugurou a Egreja Catholica o anno santo extraordinario promulgado por s. s. o papa Pio XI para commemorar o 19.º centenario da Paixão e Morte de N. S. Jesus Christo.

Pio XI celebrou na basilica de São Pedro imponente acto religioso, assistido por cerca de cem mil pessôas, que se ajoelharam deante dos altares de Roma para pedir a Deus, neste anno santo, a sua divina protecção contra os males da terra.

Foi, como realçam as noticias telegraphicas, um espectaculo edificante esse primeiro dia official do anno santo de 1933, que não ha de findar, esperamos em Deus, sem a intervenção divina nos destinos do mundo.

Nesta hora amarga que vivemos, consolam as demonstrações da fé, e a figura imponderavel de Christo illumina de bondade e de amor o coração inquieto dos homens.

De Roma, da grande e eterna Roma, nos chega o exemplo da confiança nos milagres da fé, e os écos dos sinos e o perfume dos incensos das basilicas maiores do universo christão parecem vir tambem sonorizar e envolver a alma insatisfeita do Brasil.

Nossa terra catholica assiste, respeitosa, ás cerimonias de Roma, e accende, nessa luz deslumbrante, que se reflecte no mundo inteiro, a sua propria esperança e a sua propria fé.

PIEDADE

A pagina ao lado é uma admiravel reproducção photographica de uma das obras primas do genio de Miguel Angelo — «La Pietá», o maravilhoso conjuncto esculptural que figura na galeria de arte da basilica de São Pedro, em Roma. Reproduzindo-a, na vespera da semana em que o mundo catholico celebrará o 19.º centenario da Paixão e Morte de N. S. Jesus Christo, — o Divino Inspirador da Piedade Christã — fazemol-o porque, para o momento, nenhuma outra expressão artistica melhor traduziria a augusta finalidade da dolorosa «Via Crucis» do Redemptor do que aquelle commovido bloco de marmore, humanizado e divinizado, ao mesmo tempo, pelo cinzel miraculoso do immortal esculptor e pintor italiano.

Caverna de Ali Babá

Reis Perdigão, nosso brilhante confrade de imprensa, que fundou e dirige, no Maranhão, o «Diario da Tarde», reuniu em opusculo alguns dos seus artigos de combate publicados n'aquelle verpertino maranhense, e offerece-nos «O socialismo roseo do major...», que acaba de apparecer. Sobre o mérito do trabalho de Reis Perdigão se manifestará, na secção competente, o critico literario de FON-FON. Apenas registamos aqui o apparecimento do novo livro do illustre jornalista, que ahi se vê á sua mesa de trabalho, na redacção do «Diario da Tarde», em S. Luiz do Maranhão.

MORALIZAÇÃO...

O orador é o comediante que, além de fingir o que não sente, ainda disfarça com pennachos e europeis as proprias palavras.

Um propheta biblico comeu um livro. Outros fazem hoje o contrario...

Conta Quintiliano que o Areopago condemnou á morte um menino que cegava passarinhos e promettia assim ser um monstro. E' pena que não existisse mais o Areopago quando certos individuos eram crianças...

Certas tribus da Africa dizem: "Deus chove." Os cearenses deveriam falar assim...

"A antiguidade é uma ruina immensa", affirma Paul de Saint Victor. Antes deveria dizer: o passado de todas as cousas é uma ruina immensa.

Sophocles dizia que Euripides falava mal das mulheres nas suas peças, mas adorava-as dentro de casa. O mesmo acontece com quasi todos os escriptores que dizem horrores d'ellas...

Gargantua é o derradeiro avatar do Hercules Insaciavel dos gregos — Polyphagos, comedor de tudo.

As revoluções são ás vezes valvulas de escapamento que impedem as sociedades de explodir.

Perboyre e Silva é uma das mentalidades moças, sadias e robustas do Ceará de hoje. Espirito culto, intelligencia esclarecida, Perboyre e Silva, que se encontra actualmente nesta capital, tem seu nome firmado nos circulos intellectual e jornalistico de sua terra natal, em cujo fôro exerce tambem sua actividade profissional como advogado de mérito, que é.

Os erros communistas são velhos como o mundo. Em Athenas já se falava de emancipação das mulheres, propriedade collectiva e abolição da familia. Basta lêr a critica de Aristophanes.

A ironia só é grande sem amargor.

Como as plantas do areal e do deserto só dão espinhos, os homens sem valor produzem o veneno do despeito.

Shakespeare, como os grandes genios literarios em geral, é, um immortalizador do folk-lore.

A idade-media glorificava os burros uma vez por anno, numa festa celebre. Nós hoje os glorificamos todos os dias e a todas as horas...

A astúcia é irmã da baixeza.

Os libertos de Roma correspondem aos eunuchos de Byzancio. Em todas as sociedades fluctuam esses detritos.

Ha um tempo — diz um grande escriptor — que o homem não obtem mais o amôr como um preito que lhe é devido, porém como uma graça. E accrescenta: "graça precaria, dom fragil que póde a cada momento ser retirado. Nessa idade, os homens em geral tornam-se horrivelmente ciumentos e capazes de todas as baixezas para conservar êsse simulacro. Raros os que resistem e renunciam ao que não lhes deve mais lisonjear o amôr proprio.

A renuncia é a maior das victorias sobre todas as cousas!

SÉSAMO

Senhorita Lygia Lemos Neves, que acaba de concluir, com brilho, o curso de contador na Academia de Commercio do Rio de Janeiro.

Flagrante da ultima sessão do Jury simulado promovido pela Associação Universitaria, sob a presidencia do prof. Cândido de Oliveira Filho, director da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Vêem-se no primeiro plano o dr. Magarinos Torres, presidente do tribunal do Jury; os profs. Ary Franco e Alcebiades Delamare; o dr. Bolivar Machado e o academico Justino Villela, presidente da Associação Universitária.

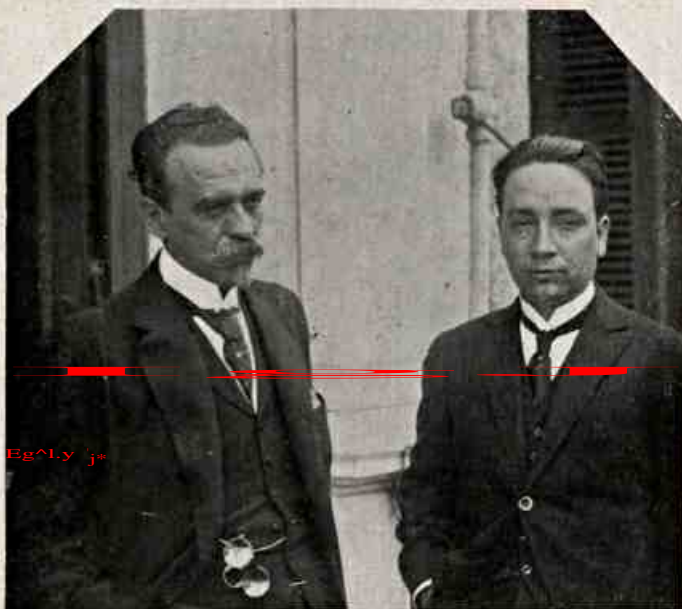
OS AVIÕES DO CORREIO AEROPOSTALE

O avião semanal da Cia. Aeropostale chegará amanhã, sem atrazo, ao Rio, procedente de Natal e trazendo o correio da Europa, que será immediatamente distribuido. Conduz ainda vários passageiros para esta capital, Santos, Porto Alegre, Montevidéo, Buenos-Aires e Chile.

As malas postaes destinadas á Europa seguirão amanhã, domingo, sendo a correspondencia recebida só até ás 9 horas da manhã. Hoje, sabbado, o serviço de recebimento de correspondencia será encerrado ás 22 horas.

No «Pavilhão Joaquim Murtinho» do Hospital Hahnemanniano inaugurou-se sexta-feira penultima a «Enfermaria Pedro Ernesto», a cargo do professor de clinica geral, dr. Vieira Romeiro, e creada como homenagem ao actual interventor do Districto Federal, que compareceu á cerimonia.

BALTHAZAR BRUM

COM o desapparecimento de Balthasar Brum, ha poucos dias tragicamente occorrido em Montevidéo, perde o Uruguay e, com elle, a civilização sul-americana uma das figuras de maior projecção no vasto scenario da vida publica do continente. Espirito combativo, mentalidade de escol, com um lastro cultural que lhe marcou posição de inconfundivel relevo nos circulos da actividade intellectual do seu paiz, projectando brilhantemente, fóra das suas fronteiras, o renome do jurista notavel que elle foi, Balthazar Brum era um nome querido na terra brasileira, de quem sempre se mostrou o mais leal e o mais nobre amigo. O tragico desfecho dessa vida tão intensamente devotada aos interesses superiores da grande republica amiga, cujos destinos Balthazar Brum presidiu, annos atraz, causou a mais viva consternação na patria uruguaya, repercutindo dolorosamente no nosso paiz e em todo o continente sul-americano, que perde no eminente e saudoso estadista platino uma das maiores expressões da sua cultura e da sua civilização. Na gravura acima vê-se o inditoso homem publico ao lado de Nilo Peçanha, num instantaneo tomado nesta capital, em 1918, quando, na qualidade de embaixador especial do Uruguay, veiu ao Brasil agradecer e retribuir a visita de Lauro Müller.

O Rotary Club do Rio de Janeiro homenageou, na sua ultima reunião, realizada sexta-feira penultima, o illustre rotariano e advogado cubano dr. Luiz Machado, director do Rotary Club Internacional, e que visitou esta capital no caracter de representante official daquella prestigiosa instituição universal.

DA PRUDÊNCIA

Ainda não appareceu quem, na vida pratica, deixasse de sofrear uma paixão induzido pela cólera.

O desespero encontra na prudência um lenitivo, que dá tempo para a reflexão. Tenho que os seus effeitos sejam superiores aos da paciencia, que, no fim de contas se esgote e não permitte um exame minucioso. Protéla a explosão, mas não evita a revolta.

Quem é prudente, além de ajudar ao tempo, aproveita-o nas suas cogitações; e, afastando-se do abysmo, descobre ensejo para, de suas bordas, contemplar o vácuo...

A prudência não deixa de ser irônica: — prevê as quédas e apara os golpes.

Alexandre Passos

Mattos Pimenta, figura de relevo no jornalismo brasileiro, como polemista vigoroso, escreveu a primeira parte do seu novo livro — «A epopéa paulista», que se prende á ultima revolução e focaliza aspectos ainda desconhecidos dos acontecimentos de São Paulo. O nome do autor de «Pelo Brasil» e «Um grito de alerta no tumulto revolucionario» significa uma garantia do successo da sua ultima obra, que será devidamente apreciada pelo critico literario de FON-FON.

Francisco Pereira Pinto, poeta fluminense da geração de Bilac, Guimarães Passos e outros, embora afastado das rodas literarias da cidade, é um eterno fascinado da Belleza. Propenso ao philosophismo, á poesia de pensamento, e trabalhando em silencio, não deixa de ser, no emtanto, um artista cioso da fórma perfeita e dos motivos essencialmente picturaes. *Pesca Milagrosa*, que tão bem se adapta ao espirito da Semana Santa, é uma affirmação dos conceitos que fazemos da sua arte.

Singravam, num batel, diversos pescadores,
Affrontando do Mar a cólera bravia.
Ao longe, vinha o Sol, multiplicando as cores,
Roubando-nos a noite e iniciando o dia.

Cantando uma canção, os quatro remadores
Supplicavam do Céo a protecção, um guia.
Viviam já sem Fé, só tinham dissabores,
Nem um peixe siquer a rêde lhes trazia.

E a prece foi ouvida, exterminando as maguas
Do Santo povo hebreu, que apavorado via
Jesus a passeiar, tranquillo, sobre as aguas.

Diz Christo com voz doce: "A crença religiosa
Resolve sempre tudo"... E, magico, fugia,
Deixando a creação da pesca Milagrosa.

Commissionado pelo governo brasileiro para fiscalizar a construcção do navio-escola «Saldanha da Gama», nos estaleiros da firma Armstrong-Wicker & Sons, de Greenwich, na Inglaterra, embarcou, ha dias, para aquelle paiz, o commandante Julio Regis Bittencourt, que viajou no «Andalucia Star», acompanhado de sua exma. familia. O «cliché» acima focaliza um aspecto do concorrido embarque do commandante Regis Bittencourt, que ahi apparece entre as pessôas que compareceram ao seu bota-fóra.

UM ESCRIPTOR BRASILEIRO NA ACADEMIA ARGENTINA DE BELLAS ARTES

Commemorando o 25° anniversario de sua incorporação á "Escuela de Artes Decorativas de la Nacion", a Academia Argentina de Bellas Artes resolveu augmentar o numero de seus socios, procedendo immediata eleição de novos membros do seu corpo academico. Entre os eleitos, por proposta do professor Francisco Jauregui, — scientista notavel, da Universidade Nacional de La Plata; do Instituto Maragliano, de Genova, e da "Societé Zologique de France", figura um escriptor brasileiro: Eduardo Tourinho. Jornalista, poeta, escriptor de merito, Eduardo Tourinho é um nome victorioso entre os intellectuaes brasileiros. Além de farta collaboração, dispersa na imprensa carioca, em jornaes e revistas dos Estados e na propria imprensa platina, Eduardo Tourinho publicou: "Cinza", "Cantico Perdido...", "Os Melancolicos Poemas do Desejo e da Renuncia" e as "Correições de Ouvidores do Rio de Janeiro", — obra de caracter historico.

A sua eleição para a Academia Argentina de Bellas Artes representa uma noticia muito grata aos meios intellectuaes brasileiros.

Dia a dia cresce o interesse pela correspondencia aérea entre o Brasil e a Europa. Alguns impacientes vão mesmo, aos sabbados, ao Campo dos Affonsos, afim de certificar-se da chegada do avião. A nossa photographia mostra os «impacientes» no Campo dos Afonsos, á espera do avião da Aeropostale, no ultimo sabbado.

O conselho director do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros reunido na sala da bibliotheca do mesmo Instituto, sob a presidencia do dr. Astolpho Rezende, para organizar o programma da primeira Conferencia Nacional de Juristas, a installar-se nesta capital no proximo dia 18.

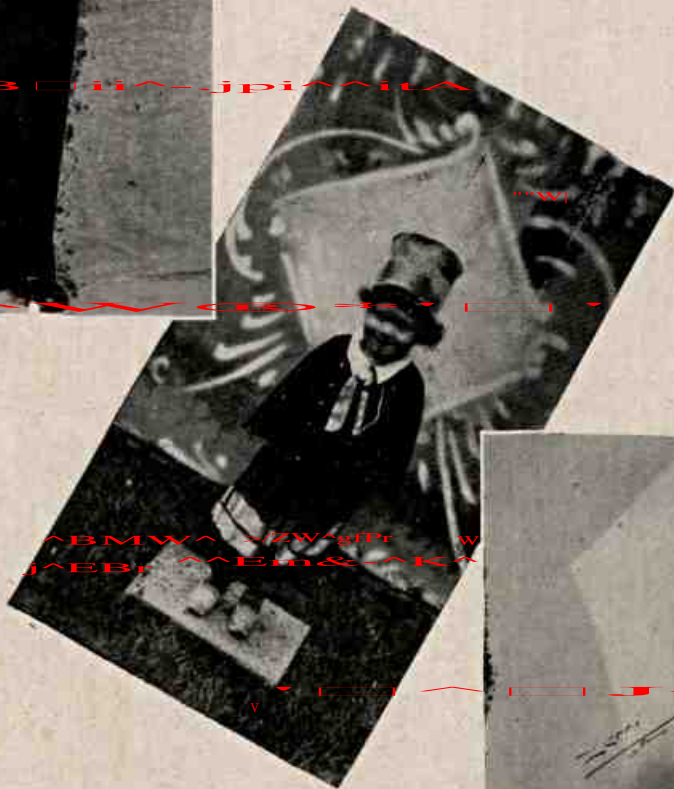
Flagrante da cerimonia inaugural da séde da Sociedade Carioca de Educação e da Federação Nacional das Sociedades de Educação, á rua do Rosario, 139.

ECOS DO CARNAVAL DE 1933

Mauricio Calmon, filhinho do escriptor Pedro Calmon e de d. Herminia Caillet Calmon, e sobrinho da senhorita Didi Caillet. No carnaval, elle vestiu-se de homem elegante para conquistar as garotas bonitas da sua sympathia...

(Photo Rosenfeld).

Um lindo grupo de encantadoras figurinhas da nossa sociedade formando um «bouquet» de carnaval. Vê-se ao centro dessas galantes rosas de Momo uma pequena flôr de intelligencia e belleza: Maria José Neves, sobrinha do illustre escriptor Berilo Neves, prezado collaborador de FON-FON.

(Photo de Arte Academica — Rio).

Um «hollandez» que fez e não pagou, no carnaval de Friburgo... Mario Cezar, filhinho do dr. Miranda Fortes, clinico naquella cidade, e de d. Hilda Ribeiro de Miranda Fortes.

MULHERES...

Para dar um máo conselho, mais sabem as mulheres que os homens.

J. DE SETANTI

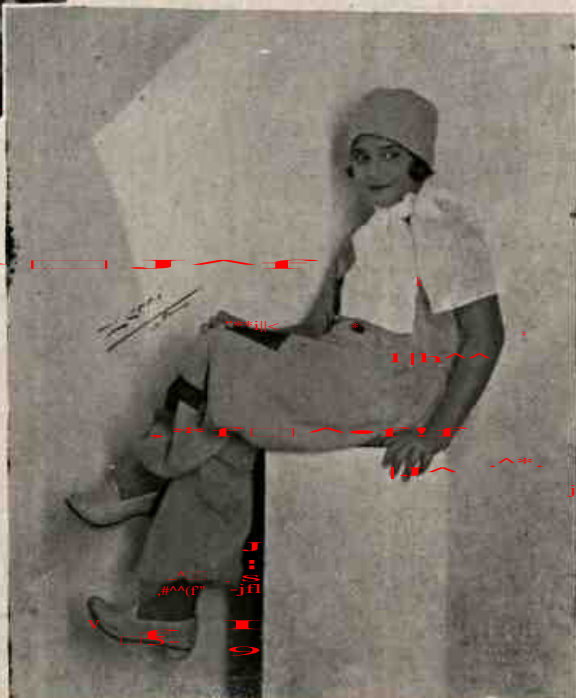
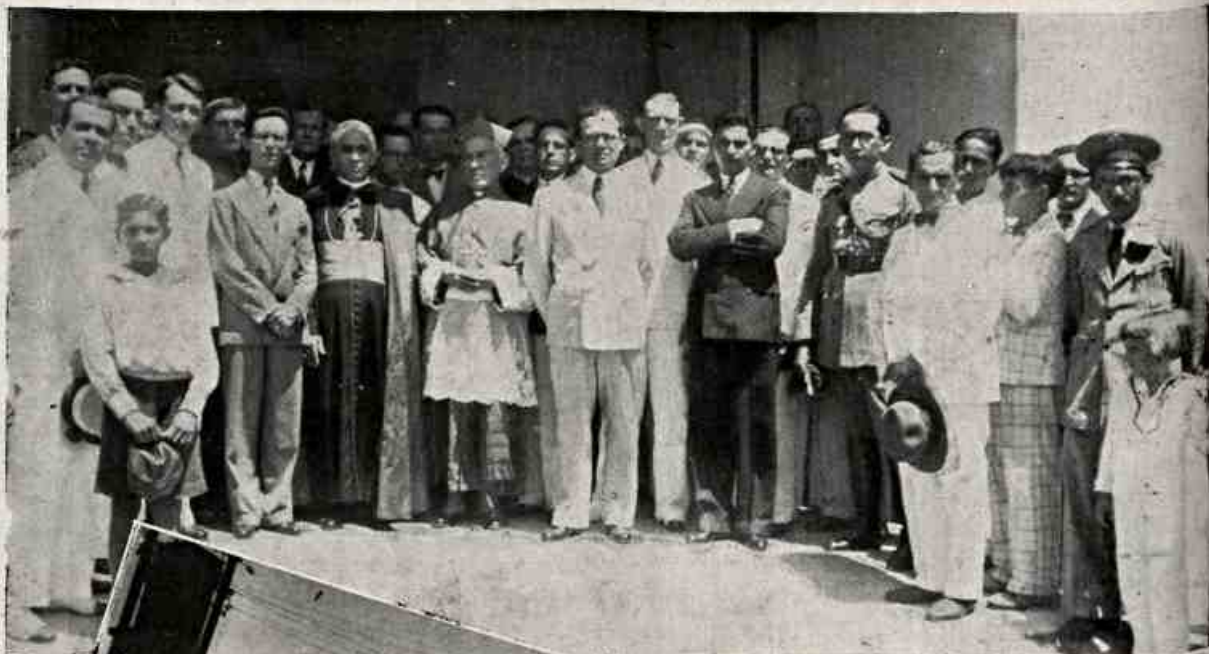
*

As mulheres vivem incessantemente atormentadas pelo desejo de saber o que se obstinam em ignorar.

CREBILLON FILHO

* * *

Anna Maria Cardoso de Mello Netto, que tambem fez de «hollandez», mas em São Paulo.

(Photo Cerri — S. Paulo).

AS UVAS

Ella trincava com os dentes alvissimos uma a uma as uvas dum cacho de moscateis perfumadas. E eu a olhava com um sorriso nos lábios.

Perguntou-me:

— Em que pensas, olhando-me assim?

Respondi:

— Na Mythologia.

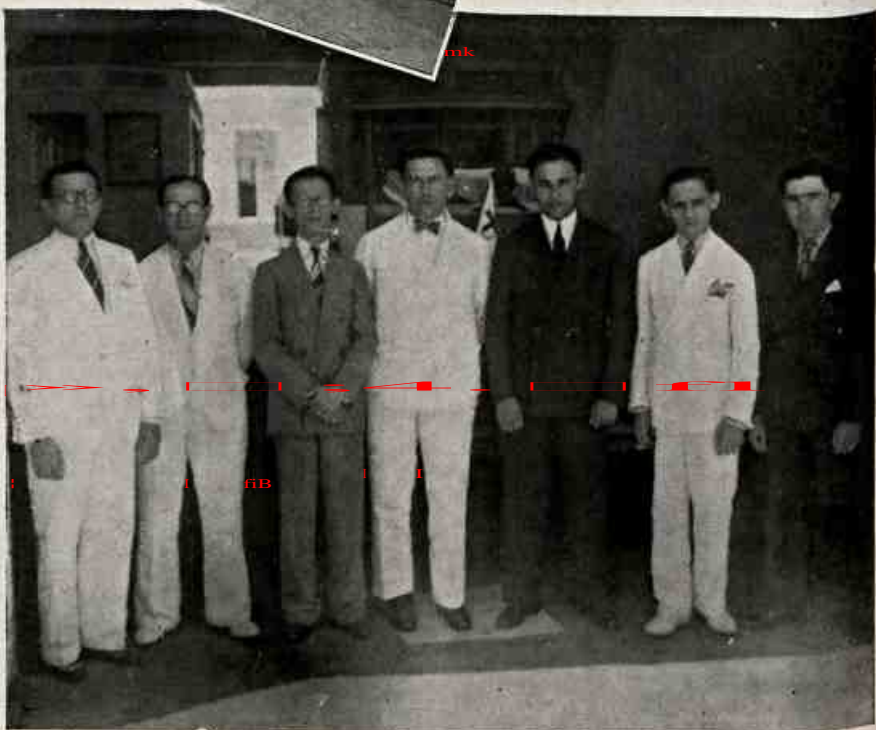
E accrescentei, um instante depois:

— Conta ella que, para reduzir Erigone, Zeus se transformou num cacho de uvas. A nympha bebeu-lhe o beijo amoroso ao morder o fructo encantado.

— E então?

— Eu queria ser Zeus...

"FON-FON" NA PARAHYBA

A cidade de João Pessôa, capital do Estado da Parahyba, já tem o seu Hospital de Prompto Soccorro, obra do esforço e da tenacidade do prefeito da linda metropole parahybana, dr. Borja Peregrino, e cuja inauguração se realizou com a presença do ministro da Viação, dr. José Americo, e das mais altas autoridades do Estado. As photographias desta pagina representam: no alto, um flagrante da cerimonia inaugural do Hospital de Prompto Soccorro de João Pessôa; ao centro, a fachada do edificio daquelle estabelecimento, e, em baixo, o prefeito Borja Peregrino entre os medicos da directoria do mesmo hospital.

Lecticia, como se sabe, é, presentemente, o pomo de discordia, que separa o povo do Perú do povo colombiano. A luta que se travou entre os dois grandes paizes do continente determinou, por parte do nosso governo, medidas asseguradoras da neutralidade do Brasil, em face da questão. A photographia que damos acima tem, portanto, além do seu alto valor historico, a sua opportunidade. Representa ella um flagrante da viagem de inspecção, a bordo do vapor «Angelina», ás fronteiras do Brasil-Perú-Colombia pelo general Almerio de Moura, commandante da 8.ª Região Militar e das forças de terra e mar, em operações naquelles reductos do nosso paiz. Nella se vêem o general Almerio de Moura e o seu estado maior, ao qual pertence o poeta tenente Venturelli Sobrinho, nosso collaborador, e que apparece sentado, olhando um mappa. A' esquerda do general Almerio Moura se vê o tenente-coronel dr. A. Gonçalves Moreira, chefe do Serviço de Saúde; á direita, o capitão de artilharia José Bina Machado, chefe da 2.ª e 3.ª secções do E. M.; e, em pé, o segundo-tenente de artilharia Alpheu França, ajudante de ordens de s. ex.

Os amigos e admiradores do dr. Sebastião Sampaio, commemorando o sexto anniversario daquelle illustre diplomata brasileiro como cônsul geral do Brasil em Nova-York, offereceram-lhe um grandioso banquete, que se realizou no dia 15 de março, no Metropolitan Club, centro de reunião da alta sociedade nova-yorkina. O «comité» organizador do banquete era composto do presidente John L. Merrill, da All America Cables e da Pan American Society of the United States, como Chairman; do presidente Rentschler, do National City Bank; do presidente Calder, da American & Foreign Power C.º; do presidente Munson, da Munson Line e da American Brazilian Association; do presidente Trippe, da Pan American Airways; do presidente Friele, da American Coffre C.º; do presidente Hancock, da Jewel C.º e dos American Stores; do vice-presidente Carson, da Electric Bond & Share C.º; do General Pierce, assistente do presidente da Standard Oil Company; do vice-presidente Hayward, de Dillon Read & C.º Participaram desse ágape, além dos membros da commissão, entre outras pessoas gradas, os srs. James A. Farrell, ex-presidente da United States Steel Corporation e Chairman do Conselho do Commercio Exterior dos Estados Unidos, que se sentou á direita do cônsul geral Sampaio, e o sr. dr. John Bassenet Moore, juiz dos Estados Unidos em Haya e eminente internacionalista, o segundo á esquerda do mesmo cônsul geral.

DR. PAULO DE FRONTIN

A familia do grande engenheiro patricio dr. André Gustavo Paulo de Frontin agradeceu a FON-FON as referencias que tivemos occasião de fazer ao seu saudoso chefe, por occasião do fallecimento do ex-prefeito do Districto Federal.

A Loteria Federal do Brasil acaba de inaugurar a sua «Agencia geral», ampla e confortavelmente installada á Avenida Rio Branco, 147, e de cujo interior o «clichê» acima focaliza um aspecto.

1.º — O menino Ilidio Martins de Freitas, um «cow-boy» de carnaval... — 2.º — Celestino, filho do sr. Levi Alves Rodrigues e de d. Cecilia Alves Rodrigues.

DIONYSIO

O Dionysio dos gregos é a representação da natureza-naturante, a Vida no seu mais amplo sentido material.

Para Paul de Saint Victor, Baclio-Dionysio figura o "lado aventuroso da existencia, o instincto das migrações, o espirito das conquistas, a civilização hellenica domando e absorvendo os barbaros, as leis e os deuses conduzidos como luzes pela força dum braço invencivel através de sombrias nações."

Os iniciados nas sciencias occultas sabem-porem, que Dionysio, alem de ser a representação da Vida na sua feição symbolica, é, na historia, simples e unicamente Roma, o heroe civilizador dos povos aryanos, que percorreu o mundo antigo levando por toda a parte as luzes das revelações e do progresso.

FON-FON NO CINEMA

Amôr invencivel.

Não queria mulheres alli, no seringal.

Ella pensava em seu marido.

TERRA DA PAIXÃO

Producção Metro-Goldwyn-Mayer

com Clark Gable, Jean Harlow, Gene Raymond, Mary Astor e Donald Crisp

NUMA plantação de borracha, na Indo-China. Naquelle reducto commandado por Dennis Carson, sempre entregue ás suas lides de director de um dos maiores seringaes da região, jamais havia apparecido uma mulher. Das filhas de Eva até, a bem dizer, já se haviam esquecido Dennis Carson e seus auxiliares — homens cujas aventuras e dissabores do passado os tinham levado a cuidar de outras coisas mais sérias. Quando mais intensos eram os trabalhos no seringal de Carson, eis, entretanto, que surge um diabo de saia: é Vantine, creatura dessas não muito certas da cabeça, de attitudes e modos pouco distinctos, dessas com quem a chamada gente virtuósa não gosta de ter conversas... Carson, rispido, faz sentir a Vantine que não a quer ali, que fosse em busca de aventuras em outra parte, que os deixasse em paz. Mas Vantine ali passa a noite, e, no dia seguinte, se mostra pouco disposta a ir embora. A verdade é que ella sympathiza immenso com o rispido Dennis Carson — e o quer conquistar.

Elle tem em mais que pensar, e finge não se aperceber dos planos da "plantinum blonde", pela qual logo se assanham todos os homens do seringal. E tanto Carson insiste, que Vantine, quasi contendo as lagrimas, decide obedecer-lhe: vae embora, vae para Saigon, porto pouco distante dali. Está para chegar nesse mesmo dia um novo auxiliar para Carson: é Gary Willis. Embarcando Vantine, Carson vae recebêl-o, e tem, então, uma surpreza: Gary é casado! E casado com uma linda creatura — typo fino, delicado, gentil. Como se poderia acostumar aquelle "bibelot" a tal ambiente? — pensa Carson. A moça, Barbara, ama multissimo a seu marido, para cuidar do desconforto do seringal. Ella quer estar ao lado do seu Gary; o mais pouco importa. Passam-se alguns dias, entretanto, e aconteceu o inevitavel: Carson vira em Barbara a creatura dos seus sonhos. E o calor daquellas noites, o céo estrellado, o cheiro silvano da mattaria em volta, a solidão — todas essas coisas fizeram com que Carson ousasse con-

Voltam á felicidade.

seus planos, cada qual mais original! Carson, entretanto, continúa apaixonado por Barbara e só comprehende o seu erro quando percebe que Gary quer a esposa acima de todas as coisas. Isso elle consegue saber, longe de casa, em conversa com Gary, precisamente quando ia confessar-lhe o seu procedimento. Mas volta para casa. Barbara, desesperada com a sua situação, num momento em que Carson lhe vae falar, dá-lhe um tiro. Entra seu marido: Carson diz que ella agira para defender-se, porque elle a queria

Como poderá ella esquecer o seu marido?

fessar a Barbara o seu sentimento. Ella procurou repellil-o, mas em breve sentiu que tambem elle não lhe era indifferente. Seu marido, o seu querido Gary, estava enfermo: contrahira as febres proprias da região. Ella ficava a seu lado, como dedicada enfermeira, mas quasi todos os seus pensamentos estavam lá fóra, juntos a Carson... Mas Vantine, a endiabrada Vantine, appareceu no dia seguinte. O navio não pudéra chegar a Saigon: ali estava de volta. Carson estava obrigado a dar-lhe hospedagem, diz-lhe ella. E Carson não teve outro remedio sinão acolher a "plantinum blonde" bonita, perigosa.... mas meio inconveniente. Ao ver Barbara, Vantine, com aquel-

Valentine, a terrivel.

Amôr criminoso que não poderam vencer.

le poder de percepção de que se podem orgulhar todas as mulheres, comprehende o que existe entre ella e Carson. Ella pensa, então: Barbara é casada, deve pertencer a seu marido. Ella, Vantine é livre — ama a Carson. Elle não deve continuar exposto ao perigo de desejar uma mulher casada — e ella decide conquistal-o á **força**. Quantos são seus golpes para tal, quantos são

conquistar. Gary passa a ter, assim, completa confiança na esposa. No dia seguinte, partem os esposos. Carson, ferido, fica aos cuidados da endiabrada Vantine, que ganhára a victoria final, porque agora elle gostaria muito della, embora não pudesse esquecer Barbara... E foi assim que Vantine começou a ser feliz, tentando fazer de Carson um homem feliz...

SANGUE VERMELHO

Film da FOX

com CLARA BOW e GILBERT ROLAND

Era, afinal, ao seu indio que ella amava.

NASA SPRINGER, presumida filha de Peter Springer e Clara Jenning, era, sem que ninguem soubesse desse segredo, alem de Clara, filha sua com um indiano, de nome Renasa, que, logo a seguir ao seu peccado de amor, se suicidára. Foi de seu pae que Nasa Springer herdára

Depois das horas tragicas, as horas da felicidade.

aquelle seu sangue indomito, esse temperamento de revolta, que tanto a distinguia entre as raparigas do seu tempo e da sua sociedade.

Tantas fizéra, porem, que um dia o castigo chegou. Seu supposto pae encontrára-a, um dia, num bosque, chicoteando violentamente o mestiço Moonglow, por quem andava quasi apaixonada. Indignado com aquella scena, Peter Springer internou Nasa num aristocratico collegio de Chicago, onde se ministra ás senhoritas uma educação social de modo a tornál-as distinctas senhoras de sociedade. Com o seu temperamento original, Nasa em breve se torna uma figura de escandalo na sociedade de Chicago. Um dia, offerece um baile ás suas relações. Para contrariar o pae, convida para esse baile um dos rapazes de peor reputação que havia em Chicago Lawrence Crosby. Tinha Crosby brigado com a noiva, Sunny de Lan, que, sem ser convidada, comparece á festa. As duas altercam em plena festa, fazendo um escandalo formidavel. Dando azas ao seu espirito aventureiro, Nasa foge com Crosby e com elle se casa sem licença paterna. Mas Crosby era um tratante de marca e nessa mesma noite de casamento a abandona, deixando-lhe o direito de usar o seu

Não fôra feliz com o marido que o destino lhes déra.

Horas de falso prazer.

nome e o seu dinheiro, e parte para a companhia de Sunny, a antiga noiva.

Nasa, ferida por essa desillusão, entrega-se durante mezes a uma vida de verdadeiras loucuras. Um dia, chega-lhe a noticia de que o marido está á morte. Corre para junto do seu leito e alli lhe dão a triste noticia de que o marido soffre de debilidade mental e que o filho que ella vae dar á luz virá ao mundo com o mesmo mal. Crosby morre e deixa Nasa sem um centavo. Como por orgulho não quer descer a pedir recursos a seus paes, Nasa soffre torturas tendo o seu filhinho nos braços. Um dia, para maior desgraça, arde a casa em que ella habitava e a pobre creança morre asphyxiada. Nasa está no maior desespero, quando vem á sua procura Moonglow, que lhe dá a noticia de que seu avô morrêra deixando-lhe toda a sua fortuna.

Nasa, castigada por tantos infortunios, jura que não guiará mais a sua vida por esse feitio romantico. O convivio com Moonglow, que é agora advogado e trabalha com o supposto pae de Nasa, faz renascer o antigo amor. Springer continúa a oppôr-se ao casamento, como antigamente. Quer desfazer-se de Moonglow e envia-o a uma missão perigosa. Nasa revolta-se, porque vê a insidia. Springer parte para substituir Moonglow, que é assassinado por um grupo de bandidos. Debalde Moonglow quiz ir em seu soccorro. Nasa não o permitte. Moonglow, indignado, chicoteia-a asperamente. Desta vez, é ella que acceita o castigo, confessando que fôra o unico meio de Moonglow dominar o seu temperamento selvagem.

Revelava-se a sua indole selvagem.

UMA VIDA DE AVENTURAS EM OBEDIENCIA A UM IMENSO SACRIFICIO:
A Venus Loura
(Blonde Venus)
com
MARLENE DIETRICH
Sacerdotiza maxima do Deus "It".
Roma resurge no esplendor da sua pompa, no deflagrar das suas paixões, em
O SINAL DA CRUZ
(The Sign of the Cross)
a obra maxima de CECIL B. DE MILLE
com
CLAUDETTE COLBERT, FREDRIC MARCH, ELISSA LANDI, CHARLES LAUGHTON e 7.500 figurantes.
Cavalheiro de aluguel
(Evenings for Sale)
com
HERBERT MARSHALL, SARI MARITZA, Mary Boland e Charlie Ruggles. A historia de uma felicidade que se gerou do nada, e creou um infinito de Amôr!
A ilha das almas selvagens
(Island of Lost Souls)
com
KATHLEEN BURKE, e CHARLES LAUGHTON
A audacia de um cientista que quiz imitar a Deus, no seu poder creador.

BANHOS DE SOL

MANHANS luminosas de Copacabana... Espalhadas pela praia alvissima, para-sóes de varias côres, verdes, vermelhos, azues, listrados, á cuja sombra banhistas aos pares ou em grupos se defendem dos raios solares, emquanto não se decidem a mergulhar no oceano.

Outros, ao contrario, estendidos a fio comprido sobre a areia, deixam que o sol dardejante lhes vá tostando o dorso nú, as espaduas e as pernas núas. E' o banho de sol.

A moda agora é escurecer pela acção da luz intensa; as claras querem ficar morenas, as morenas mais morenas ainda...

A essa mudança de côr da epiderme, corresponde a mudança no colorido dos elegantes e graciosos pyjamas de praia, quando esses não são feitos de tecidos de côres firmes.

Essa mudança, porém, não se effectua uniformemente; não é uma transformação de côr, mas um desbotamento que importa num envelhecimento, com o qual o tecido perde a nitidez do colorido, a harmonia das tonalidades, em summa, toda a belleza, todo o chic.

O mesmo, entretanto não se dá com os pyjamas e roupões feitos com fazenda tintas com os corantes de côres fixas Indanthrem: esses nada perdem com a acção da luz solar, nem mesmo com a agua do mar; conservam sempre os seus desenhos e as suas côres e por consequencia, o aspecto de novo.

Todas as fazendas destinadas a soffrer a influencia da luz do sol e a ser constantemente lavadas devem ser de côres resistentes, isto é, com os famosos corantes de insuperada resistencia ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

MASCARADA

Aquelle dominó de setim rubro e fino
Que ao banco do jardim se puzéra a meu lado,
Com seu lindo pandeiro em fitas enrolado:
Que fosse uma mulher, formosa, eu imagino!

Seu pé chinez marcava um tango libertino...
Como o seu bello rosto estava bem pintado
Para encobrir, quem sabe? as rugas do peccado!...
Aquelle dominó de setim rubro e fino

Que á praça ouvi cantar na festa que é dos loucos
Dizendo, a cada passo, umas palavras brejeiras
Com outros dominós, que estavam muito roucos,

Dissera para mim, nuns gestos de farciota,
Quando um rancho passára ao tremor das bandeiras:
A minha vida é toda um conto futurista!

HENRIQUE REBELLO

inchando aos calombos grossos. Ante a monstruosidade do quadro, Lacenaire se commoveria... Mas, *Lampeão* continuava indifferente, gozando a angústia infinita do seu rival. E só á tardinha, quando o viu arfando, sem sentidos, foi que se lembrou de dar a sangria de misericórdia. Puchou o punhal da bainha, e, por duas vezes, embebeu-o todo na carótida do infeliz, rezando, tragico:

— Em nome de São Sebastião!... Em nome de São Sebastião!... Que Deus se lembre de sua alma...

Depois, afastou-se murmurando:

— Agora, eu vou liquidar o resto das contas com a Ritinha.

O resto das contas devia ser a tragédia.

Lampeão sabia que a sua examante era uma mulher sem coração, perversa, vaidosa, sanguinaria, exigente e cheia de crendices. Na sua ignorancia immensa, Ritinha, naturalmente, tinha um pavor infinito de almas do outro mundo. Quando moravam juntos, dentro da mesma gruta, *Lampeão* passou noites inteiras accordado, esperando que ella dormisse. A amante tinha a idéa fixa de ser perseguida pelos espiritos das victimas de *Lampeão*, e, a rilhar os dentes, tomada de pavor, dizia, convicta, que os via por todos os cantos, de noite, e até mesmo de dia... Era uma vidente!... *Lampeão* pensára nisso tudo, e, ansioso pela execução do plano que traçára, estugou o passo em busca do antro, em cujas proximidades aguardou que o restinho do dia desapparecesse. A' noite, o effeito seria maior... Esperou... e, quando o sol escorregou na "barrélla" do crepúsculo e a lua começou a ensaboar as moitas, o bandido, depois de se ter vestido com a camisóla branca, longa, á semelhança de uma mortalha, bracejando desordenado, ora agachado, ora de pé, parou bem á entrada da gruta.

Ritinha, que desde a manhã da-

"Coitadinha! morreu de susto!"

(Conclusão)

quelle dia estava afflicta pela ausencia prolongada de Sabino, muito assustada, tomada de presentimentos, com o coração aos pulos, encaminhou-se para a porta. Nisso, uma raposa ao cio deu um grito agudo, que a gelou toda. Persignou-se... Rezou o "Creio em Deus Padre", do fim para o começo, pelo avêsso, e, quando foi chegando á porta, deu um grito hysterico, chamando:

— Sabino!... Sabino!... Sabino!...

Lampeão aproveitou o momento, e imitou-a fanhoso:

— San-bino!... San-bino!... San-bino!...

— Crédo! Eu te esconjuro! — disse a infeliz, cheia de mêdo. Parece que estão me arremedando.

Lampeão entrou. Agora, era a alma, materializada, que alli estava. Ritinha viu-a toda... Quiz falar e não poude... Estava aterrada, sem movimentos. E, á medida que *Lampeão* ia caminhando para ella, a desgraçada, sem fala, ia desmaiando, cahindo... *Lampeão* arrastou-a pelas pernas, para fóra da gruta... A respiração desapparecêra. O bandido examinou-a attentamente, virando-lhe, com os pés, o corpo. O coração havia deixado de bater, estava morta. Abaixou-se, tornou a examinar o cadaver, e, contrariado, dando um murro no peito, lamentou:

— Coitadinha! Morreu de susto...

UMA APOSTA

EM pé em frente do espelho, uma joven de cerca de dezoito annos refazia a pintura, no rostinho formoso e moreno. Uma moça loura que, lavando as mãos, lançava olhares á collega que estava ante o espelho, indagou:

— Com quem te occupas agora, Renée?

— Com quem? — exclamou, sem parar o *maquillage*. — Agora não me occupo com ninguem.

— Não digas isso, minha bella moreninha! — murmurou, incredula, uma joven que estava junto á janella. Será possivel?!

— Tanto é possivel como eu estar ante este espelho!

Voltou-se para sua interlocutora, hesitando, e depois murmurou, com indifferença:

— Si não quizerem acreditar, a culpa não é minha!

Tornaram a ficar em silencio. Não podendo continuar calada, a joven da janella indagou:

— Vaes entrar em concurso, Lilia?

— Como não? Pensavas, minha querida Elisa, que eu estudei tanto tempo para não tirar diploma?

Renée collocou a boina sobre os cabellos castanhos e ondulados cortados á Joan Crawford e, sorrindo, exclamou:

— Até quinta!

As duas collegas ficaram acompanhando com o olhar a joven que, com passinhos rapidos, e cheios de cadenciada elegancia, se dirigia para o elevador.

— Qual foi o ultimo?

— Um primeiro tenente, si não me engano, — respondeu Lilia, collocando-se ante o espelho. — Esta garota é muito prosa: só namora militares ou, então, homens formados.

Elisa riu-se, exclamando:

— E Robertinho, que a acha tão graciosa!

Lilia voltou-se, admirada:

— Teu irmão?

— Sim. Elle, que é um simples empregado de banco! Ah! Ah!

Lilia pensou algum tempo; depois, voltando-se para Elisa, indagou:

— Confias muito neste modo de agir de Renée?

— Sim, inteiramente!

Lilia ficou scismando. Seus olhos verdes fitavam o espelho, apprehensivos. Elisa debruçára-se na janella e fitava o mar encrespado. Alguns raios do sol faziam-no brilhar como um manto prateado.

— Vamo-nos? — indagou Lilia.

Elisa lançou um olhar ao espelho e sahiu com a amiga.

— Vamos fazer uma aposta?

— Aposta?

— Sim, sobre a tactica da Renée. Eu te explico. Não precisas dar tratos á bola. Darás a Robertinho o conselho de apertar o cerco em volta de Renée e, si ella cahir, eu ganho, e si acontecer o contrario, vencerás... Serve?

Elisa fitou-a, admirada, e disse, com certo escrupulo:

— Mas... isto não me parece correcto. Renée é minha amiga...

— Bôa bola! E não é minha tambem? Robertinho é encantador e talvez elles se casem. Que dizes?

Depois de alguns minutos de hesitação, a outra respondeu:

— Serve. Vou falar com Beto.

....

— Que tal, Elisa? Que te parece a altiva e soberana beldade?

— Palavra que eu não acreditava em tal! — murmurou a outra. — Ella anda esquisitinha, não achas, Lilia?

— Bôa bola! Achas esquisitinha? Eu acho-a menos impertinente; nada mais.

Elisa ficou pensativa. Sua mão pequenina passeava pelas pregas do vestido, distrahidamente. Afinal, murmurou, como si estivesse falando sozinha:

— Qual, Lilia! Acho que não temos o direito de brincar com o coração dos outros!

Lilia soltou uma risada, mas logo parou vendo Renée entrar com seus passinhos saltitantes de passarinho.

— Ainda estão aqui? — indagou, admirada, e foi debruçar-se na janella.

Seus olhos, sonhadoramente, seguiam o vôo cheio de caprichosas voltas de lindas gaivotas. A brisa, beijando-lhe os cabellos macios, fazia-os esvoaçar em volta da cabeça encantadora e altiva. Seus labios rubros, entreabertos, aspiravam o ar fresco.

— Ficas, Renée? — indagou Elisa, aproximando-se da amiga, que corou, respondendo:

— Sim.

....

Vagarosamente, elles caminhavam entre as grandes arvores que se moviam ao acaso, fustigadas pelo vento. Renée sentia, deliciada, o sopro cálido e impregnado do perfume de rosas bafejar-lhe as faces rosadas. Roberto, a seu lado, fitava, pensativo, a cabecinha ornada de saltitantes e lindos caracóes. Os olhos sonhadores da moça encontraram os preoccupados olhos do rapaz.

— Tenho a impressão de que tens alguma coisa para dizer-me, Roberto...

O rapaz sorriu, embaraçado, e fez um signal affirmativo. Renée parou, dizendo-lhe:

— Pódes falar, que estou prompta para ouvir-te.

Roberto ficou em silencio, hesitante. Afinal, desviando o olhar do rosto da moça, disse:

— Renée, acho que os nossos gênios não se combinam. Tenho conversado comtigo amigavelmente, durante cinco mezes, e sinto que não formariamos um casal feliz. Houve entre nós um equivoco. Pensaste que eu te houvesse falado por sympathia, mas não foi...

Parou. A joven, suffocando a emoção que a fizéra empallidecer, inquiriu, a meia voz:

— Por que foi, então?

— Porque, — murmurou elle, embaraçado, — porque... eu tinha feito uma aposta.

— Sim?

E, passada a primeira surpresa, recompoz a physionomia e disse, friamente:

— Eu tambem falei comtigo a conselho de outras e ia dizer-te que não nos achava feitos um para o outro.

— Ficaste zangada, não é? — perguntou elle, procurando a verdade no rosto enygmatico que tinha á sua frente.

— Não estou, nem poderia estar zangada... Pagámo-nos na mesma moeda... Adeus!

O rapaz quiz beijar a mão que ella lhe estendeu, mas Renée retirou-a, fazendo um simples signal de adeus. Quando o rapaz começou a distanciar-se, ella encostou-se numa arvore e ficou seguindo-o com os olhos, que, pouco a pouco, se foram enchendo de lagrimas.

Quando Roberto sumiu de todo, murmurou, soluçando, desesperada:

— Ah! E eu te amo! E' justo brincar assim com o coração de uma mulher?...

LESROLD FARCON

NOTAS DE ARTE

A MORAL E A ARTE. — Por unanime consenso o objecto da **Moral** é o *bom*, e o da Arte é o *bello*.

Mas que é o *bom*? Que é o *bello*? No meio da diversidade de opiniões concordam todos em achar *bom* tudo que é util á nossa e á existencia alheia; o que quer dizer tudo que convem ao nosso altruismo. Quanto ás necessidades egoistas, não se harmonizam, chocam-se, extremam-se, de sorte que se para uns é bom o que lhes satisfaz os appetites, para outros no contrario é que está o bom. Ninguem discute, todos applaudem a dedicação das mães sacrificando a vida pelos filhos; mas nem todos approvam o opiparo banquete em que satisfações superfluas do instincto nutritivo são uma affronta aos necessitados e lhes provocam justa ou explicavel revolta. E' que o primeiro é acto do mais puro altruismo, e o segundo manifestação do mais grosseiro egoismo.

Tambem entre innumeras opiniões divergentes, todas são accordes em considerar *bello* tudo o que encanta a nossa e a existencia alheia; tudo que emociona o nosso altruismo. Se o encanto se limita aos nossos instinctos egoistas, divergem as impressões. Todos se sentem mais ou menos encantados lendo a *Divina Comedia* de Dante, ouvindo a *Nona Symphonia* de Beethoven, ou vendo o *Moysés* de Miguel Angelo; mas nem todos se encantam lendo *As Tagarellas*, de Aristophanes, ouvindo a *Salomé* de Strauss, ou vendo *Suzanna no banho* de Tintoreto. E' que as producções de Dante, Beethoven e Miguel Angelo exaltam exclusivamente a nossa sociabilidade, os nossos mais nobres sentimentos, e as de Aristophanes, Strauss e Tintoreto, emocionam mais a nossa personalidade, os nossos instinctos inferiores, os nossos sentimentos menos nobres. Em torno das primeiras todos os gostos se confundem; em torno das ultimas, os gostos se separam.

Caracterizados assim o *bom* e o *bello*, resta-nos ver quando e como se combinam o bem e a belleza; quando o moral é bello e o bello é moral.

Para tal reconhecemos, como Luiz Lagarrigue no seu notavel opusculo — *La poesia positivista* — que, assim como o *verdadeiro* abrange o *real* e o *ficticio*, o *bom* comprehende o *agradavel* e o *penoso*, e o *bello* envolve o *formoso* e o *feio*. De sorte que o feio pode ser bello, embora não seja formoso e o penoso pode ser bom, embora não seja agradavel. Em consequencia, seja formoso ou feio, o bello é moral, quando é bom, quando exalta o altruismo e comprime o egoismo; e o bello é immoral, quando, ao contrario, exalta o egoismo e comprime o altruismo.

Assim é verdade irrefutavel que a obra de arte pode ser moral ou immoral, conforme as emoções que desperta são de natureza altruista ou egoista. O mesmo artista pode produzir e produz poemas dos dois generos; pode mesmo, dentro do mesmo poema, causar impressões oppostas, ora avivando os mais elevados, ora estimulando os mais baixos instinctos.

Como só o altruismo é conver-

gente, como só elle mantem e desenvolve a felicidade individual e collectiva, claro é que normalmente a arte não deve ter só por objecto a idealização emocional da realidade, mas deve tambem subordinar essa idealização ao encanto da vida altruista, ao aperfeiçoamento da nossa natureza, estimulando-lhe o altruismo, e comprimindo-lhe o egoismo. Alem de bella deve ser bôa, deve ser moral.

Não ha pois como negar as relações de dependencia entre a Moral e a Arte.

O que não ha nem pode haver é uma verdadeira obra de arte, em que o pseudo-artista pretenda por meio de um pseudo-poema dar lições de moral. Nesse caso o moral não é bello, e sae do dominio da arte. Modelos do genero são essas ingenuas e desvaliosas composições literarias em que se inventam situações e personagens artificiaes para que no desfecho da intriga seja sempre castigado o vicio e premiada a virtude. Isso não é bello, isso não é arte.

Fóra das obras primas consagradas em que predominam simultaneamente a belleza e a moralidade, como os poemas de Dante, Miguel Angelo, Beethoven e tantos outros genios da Humanidade, e os em que ha predominancia inversa como em comedias de Aristophanes e em romances de Zola, citemos para illustrar os nossos conceitos, e não sahir do nosso meio, do nosso tempo, e da nossa arte, a unica de que somos obscuro cultor, a arte da palavra, os formosos versos de Gilka Machado, a grande poetisa brasileira, que ainda ha pouco foi eleita a maior entre as maiores por 100 votos de um eleitorado de 250 intellectuaes, em que houve apenas 53 abstenções. Referimo-nos aos sonetos do rimario da poetisa — *Crystaes partidos*: *Helios e Heros* e *Nocturno nº. 8*. O primeiro é a idealização emocional da ternura materna; o segundo, a idealização emocional do desejo conjugal. Ambos bellos pela factura e pelo poder communicativo da emoção; mas só o primeiro desperta a nossa sensibilidade superior. O segundo senão no todo, em parte estimula mais os nossos sentimentos menos puros.

HELIOS E HEROS é um exemplo do *bello-moral* e NOCTURNO n. 8 do *bello-immoral*. Convem entretanto não esquecer que um e outro são producções coherentes da artista, que não admitte a nossa distincção, como se vê, entre outros destes versos da poesia inicial de *Estados de Alma*.

Possa eu, da phrase nos agrestes sons,
Em versos minuciosos ou succintos,
Expressar-me, dizer dos meus instinctos,
Sejam elles, embora, máus ou bons.

.. ..

Quero a arte livre em sua contextura
Que na arte, embora peccadora, a Idéa
Deve julgada ser como Phrinéa:
— Na pureza triumphal da formosura.

Feita essa observação, vejamos afinal os dois sonetos — typos, um do bello moral e outro do bello immoral.

O bello-moral:

(*Conclúe na pag. seguinte*)

HELIOS E HEROS

Filhos meus — duas forças bem
[pequenas
Que amo, e das quaes sustar qui-
[zera o adeio:
Pequenas sempre fôra o meu de-
[seio
Tel-as, aconchegadas e serenas.

Filhos meus — delles vem, delles,
[apenas,
A humilhação servil em que me
[vejo:
Mas, se o penar a um filho é bem-
[fazejo
Para uma alma de mãe que valem
[penas!

Eu, que feliz, toda enthusiasmo,
[d'antes,
Via os seres tornarem-se possantes,
Vejo-os crescerem com pesar, com
[zelos.

Vejo-os crescerem, ensaiarem
[threnos,
E, no emtanto, quizera-os tão pe-
[quenos
Que pudesse nas mãos sempre
[trazel-os.

O bello-immoral:

NOCTURNO No. 8

E' noite. Paira no ar uma etherea
[magia;

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

* * *

Nem uma aza transpõe o espaço
[ermo e calado;
E, no tear da amplidão, a Lua, do
[alto, fia
Véus luminosos para o universal
[noivado.

Supponho ser a treva uma alcova
[sombria,
Onde tudo repousa unido, acasa-
[lhado.
A Lua tece, borda e para a Terra
[envia,
Finos, fluidos fios, que a envolvem
[lado a lado.

Uma brisa subtil, humida, fria,
[lassa,
Erra de quando em quando. E'
[uma noite de bodas
Esta noite... Ha por tudo um
[sensual arrepio.

Sinto pellos no vento... E' a vo-
[lupia que passa,
Flexuosa, a se roçar por sobre as
[casas todas,
Como uma gata errando em seu
[eterno cio.

Em resumo, queiram ou não queiram, existe sempre uma *arte moral* e uma *arte immoral*, embora muitas vezes rivalizem pelo esplendor de belleza com que ambas idealizam a realidade, ou, sob esse aspecto, uma a outra exceda, e portanto possa ser a obra de arte immoral mais bella que a obra de arte moral. Por isso mesmo só o criterio altruista, o ponto de vista social pode decidir do valor definitivo de uma obra de arte.

OSCAR D'ALVA

PAIZAGEM

SERTÃO de minha terra martyr... Na combu-rencia do céo, a imagem da desolação. Do céo que é de chumbo e ameaça derreter-se, derra-mando pingos cáusticos na face trigueira dos filhos da desdita...

Fachas longas de areias brancas, aqui e ali, cor-tam a terra rôxa que se abre em arestas fundas, como olhos vazios, sem órbi a, que choram, sem a gente saber, as lagrimas mais tristes, mais bonitas, tambem, de um poema de dôr que ninguem nunca poude escrever...

Areias brancas dos riachos parados... Mudos... Que deixaram de cantar a canção bôa das aguas e das espumas na vertigem das carreiras doidas...

E as carnaúbas, magras entoando, lá em cima, nos flabellos farfalhantes, uma cantiga que desperta, nos riachos parados, a saudade macia das aguas...

As folhas sêccas, formam, no chão, uma parda esteira movediça, que estala, sob os pés leves das nambús vadias...

Paus-brancos desgalhados. Juremas pretas, quei-madas pelo sol. Manhãs áridas, de luz viva e crúa que encandesce, sem um canto de cupido a enchêl-a de alegria. Nem o grito das sericóras nas ipueiras estarrecidas, cujo barro negro rachou ao fogo do sol. Apenas, suspensas nas pontas agudas dos dedos descarnados das arvores, as cigarras bohemias, que cantam, cantam até morrer...

A desolação em tudo.

No mugir magoado dos bois lêrdos. No olhar nostalgico do homem que espia a natureza núa, no sadismo do exterminio...

A desolação em tudo.

* * *

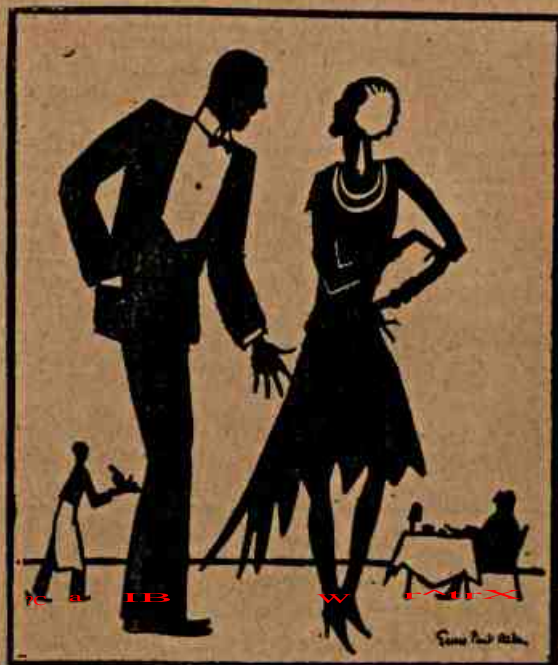
Mas, meu sertão, quando a chuva te banha, e os teus riachos correm, e as tuas lagôas sangram, tu experimentas, meu sertão, o gosto bom dos milagres biblicos. E tudo em ti é fartura e amôr, vida e alegria. Alegria contagiosa que baila na alma dos teus filhos, em serpen eios graciosos, que têm o sorti-legio dos encantamentos, para depois desferir, nas frondes redondas das tuas arvores, o poema lyrico e verde da tua felicidade infinita.

* * *

Eu sou como a paizagem morta do meu longinquo sertão em fógo...

Mas que se não reflloresce nunca.

Por isso mesmo é que trago nos olhos a volu-pia de todos os desejos e a sensação de todas as angústias...

CORDEIRO DE ANDRADE

NOIVOS MODERNOS — *Ella* (com indifferença). — E queres que te devolva o anel de noivado?

Elle. — Oh, não te preoccupes! já dei ordem para irem cobrar, em tua casa, o resto das prestações.

O DENTISTA FALSARIO

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— Edith tem um novo adorador, empregado no Banco da Inglaterra. Quer fornecer-lhe o meio de poder denunciar os moedeiros-falsos, para, em troca, conseguir um rapido accesso. Sabes que o Banco de Inglaterra promette um grande premio a quem nos denunciar. Este premio seria o dote que levaria ao noivo!

— Maldita seja essa bruxa do inferno! E agora! como ha de ser isso?

— Perguntas-me a mim? Olha que eu sei que possues um veneno extraordinariamente activo...

— E' verdade. Mas esse veneno reservo eu para o dia em descobrirem tudo. Hei de escapar á prisão, pela morte!

— Pois, meu velho, encontrei melhor emprego para o teu veneno. Dá-o a Edith! Os effeitos são rapidos?

— Algumas gottas em agua ou em vinho, e era uma vez: fulminante! E' acido prussico.

— Decide-te, é necessario, padre! Não nos deixemos assim perder tolamente por essa mulher. Olha que corremos risco de vida! Vem commigo ao castello. Cearemos os tres juntos. Não erraremos o tiro. Quando estivermos á mesa, eu chamo a attenção de Edith, e tu deitas-lhe o veneno no copo. Ainda esta noite ella virá fazer companhia a esse que já ahi dorme.

— Nada; não quero tornar-me assassino!

— Imbecil! exclamou Ulmwood, tomando o braço do cura. Preferes, então, esperar que te ponham a corda ao pescoço. Mata, se não queres ser morto: deve ser a nossa divisa.

— Vá lá, visto que é preciso. Mas Ulmwood, tão certo como sermos amigos desde creança, tu, filho do castello, e eu, filho do velho pastor, digo-te isto: por esta morte responderás um dia perante Deus!

— O que me é perfeitamente indifferente, fica sabendo! Olha, padre, quando se cae na lama, é necessario chafurdar, sob pena de afogar-se!

E os dois homens desappareceram nas trevas.

A neve cessara de cahir.

CAPITULO VII

A VENTRILOQUIA DE SHERLOCK

Sherlock Holmes levantou-se bruscamente. A neve que tinha sobre si derretera-se com o vento. Ficou por instantes immovel, de feições decompostas e os olhos luminosos.

— Agora, bella Edith Brocks, a tua vida está nas minhas mãos. Vaes ser victima de uma horrivel machinação. Este homem, por quem te fizeste criminosa, vae odiosamente enganar-te, e, se eu me não oppuzer, daqui a meia hora já não pertencerás a este mundo...

"Talvez possa salvar-te, desviar o golpe que te ameaça, para o voltar contra o peito daquelle que t'o atira. Em todo o caso, quero assistir a esta ceia de Borgia, em que se bebe veneno por copos de prata.

E Holmes partiu no encalço dos dois homens.

Não era provavel que dessem por elle. Ia muito agachado, de tumulo em tumulo, sem ver mesmo aquelles a quem seguia. Mas o vento trazia-lhe o som das suas palavras.

Chegaram ao portal do cemiterio, e sahiram.

Sherlock Holmes apressou o passo. Antes do largo parou um pouco, para lhes dar avanço.

Os dois tomaram o caminho de uma grande casa de aspecto imponente, ao lado da igreja, numa pequena collina.

O povoado, nesta estação, estava quasi deshabitado. Era, especialmente, um ponto de villegiatura para a gente rica de Londres. Holmes olhava para toda a parte e não via sinão villas, que pareciam desertas.

Por entre essas villas havia casas baixas e miseraveis. As suas fracas luzes não podiam romper o lençol de neve que cahia do céo.

O bello predio para onde o cura e Ulmwood se dirigiam era o palacio senhorial.

A rica e fidalga familia dos Ulmwood ali se succedera de paes a filhos. Actualmente, estava muito decahida. Holmes lembrava-se de ouvir dizer que o ultimo rebento dos Ulmwood era um jogador da peor especie — que abusava da sua boa sorte com as mulheres para encher a bolsa que o jogo se encarregava de esvaziar.

Era, simplesmente, um fidalgo arruinado, que só possuia aquella casa — se isso se podia dizer com verdade, carregada como estava, de hypothecas.

Mas, nada disso nos leva a dizer que não fosse uma excellente vivenda. Devia conter magnificas salas. Tres ds altas janellas ogivaes estavam brilhantemente illuminadas.

Holmes examinava-os, por detraz de um olmeiro que o encobria, emquanto o conde e o cura desappareciam pela portaria.

— Alli, disse elle, é a sala de jantar. Se eu podesse subir, veria o drama todo.

E, porque não poderei? E' caso de um pouco de habilidade e sorte. Tentemos. A minha posição nesse castello não será peor que a de ha pouco, dentro do caixão.

Arrojadamente, começou a trepar pela collina acima, e entrou no castello pela porta principal, sem ninguem o ver.

Uma larga escada de carvalho levava ao primeiro andar.

O policia parou nos baixos dessa escada e pôz-se á escuta. Estava tudo silencioso.

Do subsolo sahia um penetrante cheiro de carne assada. Ali devia ser a cosinha, onde John e Parkins estavam arranjando a ceia.

O policia subiu a escada, coberta com um espesso e antigo tapete, que lhe amortecia o som dos passos. Com esse extraordinario instincto que nunca o enganava, Holmes encontrou logo a porta da sala das tres janellas gothicas.

De duas uma: ou Edith, Ulmwood e o cura estavam já á mesa, e então, não havia que hesitar, era necessario entrar e prendel-os lutando, se fosse preciso, ou estavam ainda em outro compartimento do palacio e...

Holmes era em caso de necessidade, um audacioso jogador, que sabia arriscar tudo para tudo conseguir.

Foi o que fez.

Ligeiramente mas sem ruido, abriu a porta e lançou um olhar investigador pela sala de jantar, muito illuminada: a mesa estava posta, mas, não havia ali ninguem. A ceia era que parecia lauta; e a mesa que desapparecia sob uma grande toalha adamascada, pendia ao chão, resplandecente de preciosas porcelanas e baixella de prata.

Este luxo bastava para convencer Holmes que o conde Ulmwood tinha nos ultimos tempos, arrancado, com o dinheiro que fabricava, uma parte do luxo dos seus antepassados, das garras dos que emprestavam sobre penhores.

Holmes decidiu-se. Era necessario agir immediatamente, e a mesa attrahia-o com força magnetica.

Deitou-se ao chão, metteu-se debaixo da mesa, resolvido a desmascarar os dois homens, que haviam sentenciado á morte da desgraçada mulher.

E, não teve tempo para longas reflexões, porque mal se tinha escondido debaixo da mesa, abriu-se a porta, dando entrada a Ulmwood, Edith e o cura, que se sentaram.

— Ah! aqui sim! E' mais confortavel, disse Ulmwood a rir. Gostava de saber se esse bom Holmes se sente tão bem installado na sua fria sepultura.

— Silencio! Não falem delle, disse Edith. Quasi que tenho remorsos de vol-o ter entregue, visto que lhe reservavam sorte tão tragica. Créam, meus amigos, que a sua desapparição vae fazer barulho na Inglaterra.

— Naturalmente, respondeu o pastor. Mas, quem poderá suppôr que Sherlock Holmes foi enterrado vivo no pequeno cemiterio de Springfield?

"Mesmo que puzessem dez policias em sua procura, cada um tão esperto e fino como elle quando vivo, não lhe dariam com o rasto.

— Ah! ahi vem Paskins com o primeiro prato! exclamou o conde.

"Pôe isso aqui já. Aquella sessão no cemiterio gelou-me até á medulla; um bom prato de sopa ha de fazer-me bem. Não te esqueças de trazer algumas garrafas de vinho, sabes? ao fundo da adega, á esquerda. Ainda é dos bons tempos da minha casa. Beberemos á memoria de Holmes.

O policia, debaixo da mesa, devia ter o maximo cuidado em não tocar nos pés dos tres convivas.

Ulmwood, em particular, estendia as suas longas pernas tão confortavelmente que, por mais duma vez quasi esteve por um triz, a tocal-o.

— Então, esta noite trabalha-se? perguntou Ulmwood, que já tinha engulido a sopa. Estiveste com Korker? que diz elle? Os vasadores estarão afinados?

— Fez uns novos ,e diz que estão melhores do que os outros. Não é possivel distinguir as verdadeiras das falsas.

— Com o trabalho desta noite e da que vem, ficará tudo prompto, accrescentou Ulmwood.

Parkins entrou com um peixe assado, que pôz na mesa, como duas garrafas cheias de teias de aranha, á frente do amo.

— Enche os copos, Parkins, ordenou o conde. E' um vinho precioso, este, que te faço beber esta noite, Edith e espero que has de apprecial-o, como merece.

(*Continúa na pag. seguinte*)

O biltre apertava a mão da raporiga, olhando, ao mesmo tempo para o cura, como quem diz:

"Prepara o veneno, que vae ser preciso!

— Este peixe está magnifico, continuou Ulmwood! Dá-me mais um bocadinho, Edith.

Tu, Parkins, vae dar uma vista de olhos á carne assada, que não és aqui preciso.

Parkins ia sahir, quando Ulmwood começou a tossir convulsivamente.

— Jesus! que tens tu! gritou Edith, afflicta. Estás tão vermelho!

— Uma espinha! Uma espinha na garganta! Mas isto passa: ou vae para baixo, ou volta...

Meu Deus!... parece-me que suffoco!...

Ulmwood levantou-se, com o guardanapo deante da bocca e, tossindo a mais não poder ser, precipitou-se para a porta.

O pastor percebeu a estrategia do seu amigo e sabia muito bem o que devia fazer.

— Vou com elle! Pode necessitar de mim! disse Edith. Com as espinhas não se brinca.

E seguiu atraz do conde, que se ouvia tossir no quarto contiguo.

— Bem dada bola, sim, senhor! disse o cura. Estou só... preparemos a dose para essa trahidora.

Metteu a mão na algibeira e tirou um frasquinho com um liquido incolor.

Deitou um olhar para a porta... e o veneno foi misturar-se com o vinho...

— Senhor prior, pelo amor de Deus, acuda-me!...

Era a voz de Edith, que elle ouvia...

O miseravel tremeu todo, quasi a deixar cahir o frasco da mão; mas, tomando animo arrolhou, e tornou a guardar o frasco veneno na algibeira.

— Pelo amor de Deus! Venha, que elle morre-me nas mãos!

O padre correu para a porta.

Se Sherlock Holmes não tivesse o dom de rir silenciosamente, o padre teria de certo ouvido a explosão de alegria ironica deste hospede inacreditavel.

— Foi-se! Realmente, isto de ser um pouco ventriloquo, é util, e não menos a habilidade de imitar a voz dos outros, principalmente quando dá estes bellos resultados. Agora preparemos o raio, para que fulmine este miseravel!

Sherlock dizia isto, levantando uma aba da toalha adamascada; e, erguendo-se um pouco, pegou no copo de Edith, e trocou-o pelo do conde.

E, desappareceu, como um fantasma debaixo da mesa, fazendo estalar as juntas dos dedos, em signal de regosijo.

O padre, que tinha entrado no quarto contiguo ficou espantado ao ver Ulmwood e Edith de mãos dadas, beijando-se carinhosamente a rirem, como de uma farça engraçada.

— Pelo amor de Deus! Miss Edith, que foi que aconteceu? Ouvi os seus gritos de afflicção, e corri.

— Ouviu, o que? perguntou Edith. Os meus gritos? Mas, eu não gritei!

— Peço perdão, mas, eu ouvi perfeitamente e tanto que a julguei desesperada pelo mau estado do conde. Sim. Gritou, dizendo, que elle lhe ia morrer nas mãos.

— Se ouviu isso, cura, está-me a parecer que o senhor deixou-se dormir, e sonhou.

— Sonhar, eu! Nem dormir, creia.

Estas palavras foram entremeadas de olhares entre o cura e o conde, que significavam muita coisas. Depois voltaram os tres para a casa de jantar.

— Já não sinto a espinha, disse Ulmwood, nem o minimo incommodo. Permitte que te acompanhe para a mesa Edith.

E cada qual tomou o seu logar precedente.

— Vae rebentar a bomba! disse comsigo Sherlock E' o desenlace do drama, epilogo em catastrophe!

— Vamos beber ao desapparecimento da minha espinha, á minha cura. Toca, Edith, e, se me amas, bebe o teu copo todo.

— Bebo á tua felicidade e ao nosso amor.

Sherlock Holmes ouviu o tocar dos copos. Fez-se um certo silencio... De repente, um grito. Cahiu uma cadeira, e soou a voz de Ulmwood:

— Estou envenenado! Ardem-me as entranhas! trahidor! Não foi isto o que combinamos. Então, deitaste o veneno no meu copo?

O cura e Edith tinham saltado da cadeira. Estupefactos, olhavam para o conde, já com o rosto cadaverico. Com as feições medonhamente transtornadas, e os olhos esbugalhados, soltava gritos terriveis.

— Envenenado! assassinado! ah! patife, has de pagar-me.

E a mesa começou a dançar. Os copos e os talheres juncavam o sobrado com grande ruido.

Edith soltava gritos de susto. O cura, não podia articular palavra. Ulmwood lançara-se-lhe ao pescoço e tentava estrangulal-o.

— Ai que eu morro! exclamava o conde, mas tu não ficarás na terra, miseravel! Ainda me sinto com forças. O teu veneno não é de tão rapidos effeitos como dizias: ainda me resto tempo. Ainda terei tempo de levar-te commigo para o outro mundo.

Os dois homens, engalfinhados um no outro, rolavam pelo tapete, como duas feras damnadas.

Edith estava mais morta que viva. Queria gritar, e não podia.

O cura soltou alguns sons inarticulados e, depois, mais nada: calou-se.

Então, Ulmwood teve um espasmo supremo. Agarrou-se ás pontas da toalha, tentou erguer-se, mas faltaram-lhe as forças, articulando, em soluços:

— A morte! sim, a morte! Sinto que é ella! Mas, hei de arrastar-te para o inferno... Ah! queria dar cabo de todos, matar todos! todos! ah!

E cahiu, batendo com a cabeça no soalho. E o cadaver do conde tombou sobre o do padre.

Então, Edith quiz fugir.

Um indizivel horror se lhe apossou do espirito á vista desses dois homens medonhamente desfigurados, de olhar vitreo e dedos retorcidos.

O medo invencivel levou-a até entre portas de sahida daquelle inferno.

De subito, sentiu que uma regelada mão lhe poisava na cabeça.

Cinco dedos nervosos lhe rodearam o pescoço e a obrigaram a parar.

Teve uma allucinação.

— A morte! é a morte que me persegue! E' Ulmwood que quer levar-me comsigo para o inferno...

"Larga-me Lancelot Ulmwood, disse ella, batendo os dentes. Deixa-me, que eu quero viver!

— Ha de viver, sim, miss Edith Brocks, respondeu uma voz desconhecida; mas, na prisão!

"Olhe para mim, miss Edith Brocks: eu sou o seu velho amigo, sou... Sherlock Holmes.

CAPITULO VIII

A MISSA INTERROMPIDA

— Sherlock Holmes! exclamou Edith. E cahiu de joelhos.

— Silencio, nada de barulhos, se não, metto-lhe uma bala na cabeça, disse o detective. Levante-se, miss, que temos de conversar um pouco.

"Primeiro: sabe que lhe salvei a vida?

Edith Brocks, a morrer de susto, deixou-se conduzir por Sherlock a uma cadeira onde se sentou.

— Sim, não minto: acabo de salvar-lhe a vida. O veneno que matou Ulmwood era para si. Seria talvez melhor tel-o bebido. Poupar-lhe-ia isso longos annos de prisão.

"Mas, era desnecessario aos meus intuitos.

— Elle queria matar-me? perguntou com difficuldade Edith.

— Sim. Queria desembaraçar-se da senhora, provavelmente por amar a mulher do tal allemão, Franz Korber. Veja lá: a miss entregou-me a esse homem, e se não estou agora enterrado vivo não é por sua causa.

— Ah! então sabe tudo?

— Tudo. Sei tambem que a senhora faz parte de uma companhia de moedeiros falsos e mais seu irmão.

— Meu Deus! Estamos perdidos!

— De certo, a senhora pelo menos. Mas póde diminuir a sua falta respondendo ás perguntas que lhe vou fazer.

Edith viu que era inutil mentir. Estendeu as mãos supplicantes ao policia e disse, lavada em lagrimas:

— Tenha dó de mim! Foi este insensato amor que me perdeu.

— Bem sei. E' por isso que me deixo enternecer.

"Diga-me, miss Edith: onde é que fabricam a moeda?

— Aqui, em Springfield.

— Isso, sei eu. Mas em que sitio?

Edith hesitou, antes de responder.

— Se não o diz, eu o saberei em menos de meia hora.

— Pois bem, oiça: esse sitio... é... a egreja...

— A egreja! Espantoso! E naturalmente o digno prior e o sacristão entram no segredo. E esta noite trabalharão na egreja? Quaes são os que trabalham?

— O povo todo. Toda esta gente daqui pertence á empresa. O senhor está perdido, se alguem chega a

(Continúa na pag. seguinte)

desconfiar da sua existencia aqui, do seu verdadeiro nome, e do fim para que veiu.

— E agora os moedeiros falsos estarão reunidos?

— Estão.

— Na egreja?

— Sim, na egreja: neste momento está tudo em actividade e sem duvida estranhando a ausencia do conde e do prior.

— Parkins e John estarão lá?

— Tambem para lá foram.

— A egreja tem guardas vigilantes?

— Um, o sacristão. Tem ordem de não deixar entrar na egreja senão quem sabe do segredo, como nós.

— Bom: sei o que precisava saber. Agora dê cá as mãos e os pés... Ficará assim amarrada, para não poder fugir do castello. Estará nesta posição apenas alguns minutos dentro dos quaes todo este negocio se concluirá.

"Ah! ia-me esquecendo: em Springfield ha estação telegraphica?

— Sim, senhor, mas ninguem se utiliza della: só no verão é que funcciona.

— Mas, o apparelho e a communicação existem, não é assim?

— Sim, existem. No verão, vem para aqui muita gente rica de Londres, e passam-se e recebem-se muitos telegrammas.

— Onde está o apparelho?

— Em casa do allemão.

— Onde é?

— Ao pé da egreja.

— Bom. As suas indicações se não são mentirosas constituirão no processo uma valiosa attenuante.

"Desgraçada! Com um pae tão serio e honrado, que certamente morrerá de desgosto! Porque lhe não seguiu as pisadas, imitando-lhe o procedimento? Realmente, o seu amor, por vehemente que fosse, não devia degradar tanto uma mulher.

Dizendo isto, o policia acabava de ligar Edith á cadeira, de pés e mãos, de tal modo que ella não poderia levantar-se, nem chegar á janella para pedir soccorro.

Precaução superflua, afinal, porque a tempestade continuava furiosa, e o vento bramia espantosamente em roda do castello. Não havia voz humana que pudesse chegar lá fóra.

Sherlock caminhou então apressado para a egreja.

O edificio estava meio coberto de neve. Sahia luz pelas janellas. Ninguem que por alli passasse, poderia escapar á vigilancia de um homem, que de barrete na cabeça, se approximava da porta.

Sherlock reconheceu-o logo; era o sacristão vigilante.

Sabia por Edith que elle tinha a chave da egreja.

O policia coseu-se com a parede, e foi, prudentemente, até um nicho, proximo da porta e alli se occultou.

Depois esperou que o homem lhe passasse proximo.

No momento em que o sacristão chegava á porta, um cano de revolver se lhe deparou á vista, e uma voz baixa, mas imperativa, lhe dizia:

— Abre, tratante! Quero saber o que se passa nesta egreja!

O sacristão deu um pulo para traz, e, empunhando uma grande chave, tentou attingir Sherlock.

Ouviu-se um tiro.

Ferido no peito, o sacristão cahiu, salpicando de sangue a neve espessa.

— Outra victima! exclamou o policia. A captura desta tropa custa muitas vidas humanas! Mas que remedio? Não pode ser por menos.

E, dizendo isto, curvou-se para o homem que ainda respirava, e arrancou-lhe da mão crispada a pezada e grande chave de ferro.

Quando se ergueu, occorreu-lhe uma idéa. Deitou a correr em roda da egreja, e viu que não havia sinão uma porta, aquella de que tinha a chave.

A respeito de janellas eram muitissimo altas para se poder saltar por alli.

Estava, por consequencia, encurralada toda a quadrilha como numa ratoeira.

Ninguem poderia escapar, e não havia perigo de ir alguem pedir soccorro.

ANGELICAL

Essa voz que sussurra aos meus ouvidos
Foi que me fez, tambem, sentimental.
E' uma voz encantada, sem ruidos,
E', talvez, uma voz angelical.

Para a festa melhor dos meus sentidos
Basta essa voz de timbre musical.
Como que aos olhos meus, embevecidos,
Surge, bailando, um corpo esculptural.

Eu não sei quem me fala assim na vida,
Dessa maneira tão desconhecida,
Que me faz, muitas vezes, meditar.

Na concha dos ouvidos tenho prece.
Pois essa voz, que aos poucos me enternece,
E' voz divina para me salvar...

HORACIO MENDES

Foi por um instantinho a casa do allemão Franz Korber.

Não estava lá ninguem.

O allemão e a mulher faziam parte do rancho da egreja, occupado no fabrico de moeda falsa.

Encontrou o apparelho telegraphico. Sentou-se e transmittiu para a repartição central de policia de Londres:

"Mandem immediatamente trinta policiaes armados á egreja de Springfield.

"Fabrica moedeiros-falsos descoberta.

"Toda a quadrilha presa.

Sherlock Holmes."

Passaram-se duas horas.

Sherlock, de pé no meio da tempestade de neve, vigiava a porta da egreja.

De repente, percebeu que queriam, do lado de dentro, abrir a porta.

Isso não podia ser, porque a unica chave tinha-a elle.

Do interior começaram a bater, a chamar pelo sacristão, a praguejar e a sacudir a porta. Tudo inutil.

Minutos depois, voava uma janella em estilhaços.

— Ah! querem sahir por ali? Cuidado!... disse Sherlock. Tambem que raio de policia é essa que não chega?

Nesse momento, appareceu um homem á janella.

Sobrepondo bancos em cima de bancos, esse homem poude conseguir guindar-se á janella.

— Para traz, se não disparo, gritou da rua Sherlock, no momento em que o homem se preparava para saltar.

— Trahição! vociferou o homem. Entregaram-nos á policia!

— Ah! gritas! disse o policia rindo. O primeiro que salta, morre!

Aquelle não ouviu? Peor para elle!

E o homem cahiu de cabeça na neve.

— E' o allemão, disse o policia, vendo-lhe a loira cabeça attingida pela sua bala infallivel. Espero que esta amostra de panno tire aos outros a vontade de o imitar.

Ao ruido do tiro, um medonho clamor de raiva se elevou dentro da egreja.

Mas, os ratos estavam presos na ratoeira, sem ser possivel escaparem.

Além disso, já se avistava ao longe, ao alvor da manhã, um contingente de tropa. Eram os policiaes a cavallo que immediatamente rodearam a igreja.

Uns vinte apearam-se, e Sherlock sempre empunhando o revolver, entrou, á frente da pequena força, na casa de Deus.

Em coisa de um quarto de hora, estavam presos e algemados oitenta homens e dez mulheres.

Quasi todo o povo se empregava em fazer moeda falsa.

Dahi a pouco, voltava Sherlock Holmes para Londres.

William Brooks foi preso quando saia de casa para ir ao Banco.

Outro tanto não aconteceu ao dentista Harper, que poude fugir a tempo.

Os moedeiros falsos foram condemnados a penas mais ou menos longas. Só Edith Brooks não compareceu perante os tribunaes: suicidou-se no carcere.

O Banco de Inglaterra juntou ao premio promettido uma certa quantia em favor do policia.

A rainha dirigiu-lhe uma carta autographa em que louvava grandemente a energia e habilidade de que o celebre policia amador dera provas na captura dos moedeiros-falsos de Londres.

CAPITULO IX

PRECISA-SE DE UM BOM GRAVADOR

Apesar de tudo, o policia não estava satisfeito com o successo.

Um mez depois, fumava elle o seu cachimbo, na companhia de Harry Taxon, á mesa, depois do al-

(*Continúa na pag. seguinte*)

DIARIO DE UM ESQUECIMENTO

Para dizer que o nosso amor teve uma historia
não digo bem. Quero dizer: o nosso amor
teve, apenas, no mundo, uns momentos de gloria,
um lindo sonho a mais na alma de um sonhador.

Dois caminhos sem norte. O meu, eu o continúo
sozinho como sempre; o teu, por que lembrar?
E' a lembrança falaz na qual eu perpetúo
nos versos que te fiz a gloria de te amar.

Depois — o esquecimento, o companheiro da alma —
rondando as nossas duas vidas noite e dia.
Em te vendo, apparento indifferença e calma,
mas só eu sei em mim quanta é minha alegria.

O esquecimento é este martyrio, esta inclemencia.
Vem a separação sem a gente querer.
Nem sempre de nós outros o abandono é ausencia.
Mas sei que dor maior não ha-de, no mundo, haver

Mas si assim é, abandonemo-nos. Partamos.
São dois caminhos que, jamais, se encontrarão.
Adeus. Sê bem feliz no caminho em que vamos.
Vão partir, pelo mundo, uma alma e um coração.

Vae. A estrada é radiosa. Eu fico, meu amor.
Quem sabe si ficando eu ficarei sozinho?...
Tu vaes no teu caminho. Eu fico em meu caminho.
Não vês? E' um sonho a mais na alma de um sonhador.

ESDRA-FARIAS

moço. De repente, tirou o cachimbo da bocca e deitou-o para cima da mesa, dizendo, desesperado:

— Afinal, não passo de um idiota, Harry.

"Escapou-se o mais culpado da quadrilha, e isso está-me a aborrecer como não pódes imaginar!

— O mais culpado?

— Sim, porque Ulmwood e o cura pagaram o crime com a vida.

— Deus tenha as suas bellas almas em descanço! disse Harry, ironicamente.

— Enganas-te, se cuidas que esses dois eram a alma do negocio.

O verdadeiro chefe era este excellente senhor Harper, dentista, a quem devo a galanteria de ter sido já enterrado uma vez. E o patife ainda não está entregue ás mãos da justiça.

O diabo sabe porque modo lhe chegaram aos ouvidos os acontecimentos de Springfield. Em todo o caso, a verdade é que elle sahiu logo de Londres.

Quando regressei de Springfield, nessa mesma manhã fui á casa do homem para o que suppões.

E lá soube com grande espanto meu que sua exc. o senhor doutor estava ausente, em viagem.

"Toda a gente sabe o que significam as viagens, Harry.

"Tenho a certeza de que esse animal não mais voltará.

— Não se desconsole, senhor Sherlock. Quem sabe lá... O canalha do Harper não está livre absolutamente do castigo de que é merecedor. Quem sabe se a esta hora não está já preso?

— Sim é possivel, respondeu o policia, attestando o cachimbo. Não entrego nunca á Providencia, ou antes, ao cégo acaso, o cuidado de preparar os acontecimentos, que posso ordenar por mim mesmo.

"Porque não hei de eu, pessoalmente, occupar-me do negocio Harper?

"Tenho umas pequenas contas a ajustar com elle, porque posso assegurar-te, meu amigo, a quinze gráos abaixo de zero, na espectativa de ser enterrado vivo, fechado num estreito e incommodo caixão!

E como conheço o visco com que essas aves se apanham, faze-me o favor de levar este annuncio á redacção do "Times", do "Dayly Mail" e do "Pall Mall Gazette".

Dizendo isto, Sherlock Holmes sentou-se á secretária e escreveu tres tiras de papel que entregou a Harry.

Em cada uma dellas se lia:

CAVALHEIRO emprehendedor, possuindo pequeno capital, deseja associar-se com outro para empresa industrial. E' excellente gravador e não se teme de qualquer especulação audaciosa. Escrever para este jornal. — Nota do Banco, 313.

Nas costas de Harry, que sahiu a desempenhar a commissão, o policia esfregou as mãos uma na outra.

— Muito me admiraria, pensou elle, se esta antiga pratica deixasse de surtir o seu effeitosinho.

"Não ha criminoso que deixe de voltar aos seus primeiros amores.

"Quando se offerece occasião de exercer de novo o seu antigo mister, não a deixa escapar.

"Se Harper ler este annuncio nos jornaes verá logo nessas linhas que o annunciante é um moedeiro falso eventual.

"Estou absolutamente convencido de que o dentista entrará em relações commigo.

"Veremos se me engano!

Dois dias depois, Harry foi ás redacções e voltou carregado de respostas.

— Oh! lá! exclamou o mestre, creio que o annuncio fez successo.

"Põe isso ahi em cima da mesa, que eu verei, esta noite, se encontro alguma coisa que me interesse.

Effectivamente o policia gastou metade da noite nesse trabalho.

Abria cada uma das cartas e lia as offertas que faziam ao gravador, desejoso de occupação. Examinava o papel cuidadosamente, a calligraphia e tudo como costumava.

Eram cento e oitenta cartas ao todo.

Nas cento e sessenta primeiras nada encontrou que lhe interessasse.

Mas a centesima sexagesima primeira fel-o saltar na cadeira. Seguiu-se um exame minucioso.

Não continha senão estas linhas:

"Desejo conhecer a fundo a sua proposta. Venha se encontrar commigo no Kanal-Hotel, Dever-street, 83. Todos os dias, das 6 ás 7 da noite.

John Trouble, engenheiro".

Sherlock Holmes levou a carta ao nariz e cheirou-a por muito tempo.

— E' o perfume do tal Harper, concluiu o policia. Ha um mez que exerce outra profissão e ainda não perdeu o aroma do antigo emprego.

"Além disso, quando visitei este pratico pela primeira vez, por signal que tão caro me ia sahindo, percebi que o typo era canhoto.

"Essa gente, em geral, não escreve com a mão esquerda, e, como a direita é inhabil, a sua calligraphia resente-se sempre disso e toma uma forma especial: as letras pouco carregadas e finas.

"Nesta carta encontro tudo isso.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

"HONTEM conversava eu com a minha avosinha, que é a confidente de todos os meus segredos, sobre um thema interessantissimo.

"Ella rememorava os tempos romanticos da sua juventude comparando-os com os de agora. Está visto que ella pensa como os poetas que "sempre é melhor o tempo . . . que passou".

"Entretanto ella teve de abrir uma excepção. E que excepção! Concordou commigo em que as mulheres de hoje levam vantagem ás de antanho no que se refere a alliviar os inevitaveis incommodos de que soffremos, porque a sciencia moderna nos proporciona esse infallivel analgesico que se impoz á confiança do mundo inteiro.

"De todo o coração recommendo a *Cafiaspirina*. Sei por experiencia propria que o seu poder calmante é rapido e efficaz; ella não deprime o organismo, nem o prejudica de qualquer forma.

É tambem prodigiosa para alliviar *dôres de cabeça, de ouvidos, de dentes, enxaquecas, resfriados leves, nevralgias*, etc."